



O Genocídio Armênio
Uma Breve Bibliografia Dos Livros De Língua Inglesa
Abrangendo Quatro Fases Vinculadas,
Apresentação de evidências orais e escritas do Genocídio armênio
no Salão Grande do Comitê.
Câmara dos Comuns
Londres
24 Abril 2007

Primeira e Segunda Edições 2007, com Addenda 2009, Terceira edição 2011 Quarta edição 2013,
Quinta edição Apresentação do Centenário, 1º de janeiro, 2015

Edição sexta©

Por
T.S. Kahvé

Patrimonio Ararat

Londres

2017

 [English](#)

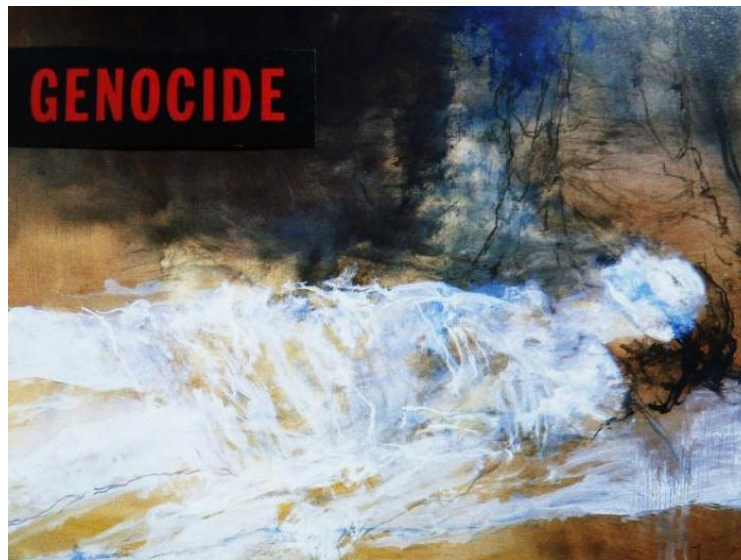
 [Français](#)

 [Русский](#)

 [Español](#)

 [Հայերեն](#)

 [Português](#)



Genocídio: Jean Jansem Além da Noite, por Jean, detalhe de fotografia por Patrimônio Ararat

PREFACIO

Existem certos desenvolvimentos polivalentes do passado que transmitem proeminente para o mundo contemporâneo com conotações pertinentes para o futuro, subsumindo decisivamente as características da permanência. O seu significado se dilata não só porque uma falha bem organizada os impede receber justiça, mas também por aspectos sociológicos e psicológicos envolvendo consequências de longo alcance.

A este respeito, a extensa destruição provocada pelo genocídio armênio e a ocupação substantiva da massa terrestre da Armênia por seus inimigos incrivelmente hostis permanecerá um assunto internacional multifacetico, impregnado de longevidade significativa. Indubitavelmente, a intensidade da questão em movimento aumentará o impulso até que seja alcançado um acordo categoricamente justificável. Um amplo programa de reconstrução parece ser o caminho mais razoável a seguir.

PREÂMBULO

1. *Prelúdio ao genocídio*

Abrange os períodos referidos como os massacres armênios; cobrindo principalmente os anos de 1894 a 96 e Adana 1909. Alguns títulos na bibliografia registram os tratados internacionais anteriores que não conseguiram proteger os armênios. Apenas um pequeno número de trabalhos foram incluídos, predominantemente relevantes para esse período. A destruição ocorreu durante um período pacífico sem beligerância internacional e demonstra que o perpetrador possui um registro maléfico anterior de algum significado. O número de mortos é medido em centenas de milhares.: Esta fase também pode ser classificada como **GENOCIDIO EMERGENTE**.: A este respeito, o Prof. A.J. Toynbee - o conhecido analista político, historiador e diretor de estudos do Royal Institute of International Affairs em Londres - corretamente registra em seu trabalho, Experiências

“Tenho idade suficiente para recordar o horror no massacre de súditos otomanos armênios no Império Otomano em 1896, por instigação do infame Sultão Abd-al-Hamid II. Mas este ato de genocídio foi principiante e ineficaz, em comparação com a tentativa amplamente bem-sucedida de exterminar os armênios otomanos que foi feito durante a Primeira Guerra Mundial...”

2. O PERÍODO PRINCIPAL

Abrangendo os anos da guerra mundial de 1915-18. Este período também destaca os rasgos dos Jovens Turcos. Eles ganharam poder em janeiro de 1913 por um golpe de estado que depôs o governo constitucionalista otomano formado pelo partido Liberdade e Entente. A ideologia racista-nacionalista dos turcos - *Türkçülük* - não conseguiu impregnar a sua nação exclusivamente por propaganda. Consequentemente, eles escolheram a rota rápida, mas violenta para receber poder que poderia lhes permitir a implementar Turquismo de forma mais eficaz. Assim, ajudando a eliminar a identidade nacional otomana muito mais rapidamente. Doravante, os racistas otomanos - como os jovens turcos - formam um grupo completamente imerso dentro da ideologia do turquismo. Sua organização política - com elos de destaque aos militares - foi o Comitê de União e Progresso (CUP).

O golpe de Estado de 1913 foi um grave erro para o Império. As consequências adversas do envolvimento dos militares na política são extremamente severas; é possivelmente o erro mais grave na história política moderna da Nação Otomana. A maioria dos títulos na bibliografia se refere principalmente a essa escala de tempo. Geograficamente, os territórios envolvidos nesta fase são: o platô da Armênia, predominantemente o setor ocidental; Anatólia, também referida como Ásia Menor, incluindo a histórica Armenia Ciliciana; Kurdistão do Norte, incluindo os territórios cristãos assírios; Irão do noroeste; Trácia oriental na Europa; bem como os desertos sírios e mesopotâmicos. Conforme testemunhado durante a etapa anterior, as correntes pan-islâmicas são encorajadas significativamente. O número de mortos é bem superior a um milhão. Abril de 1915 é classificado como o início do Grande Genocídio Armênio, como é durante essa conjuntura específica que os membros da comunidade intelectual armênia são enviados para suas mortes, da capital Constantinopla / Istambul. Prof. A.J. Toynbee, um contemporâneo de dois genocídios cometidos durante a Primeira e Segunda Guerras mundiais, faz comparações pertinentes - em seu trabalho *Experiências* - entre o partido governante dos Jovens Turcos do Comitê de União e Progresso e a administração nazista na Alemanha:

“O genocídio cometido contra os armênios no Império Otomano em 1915 e contra os judeus na Alemanha e nas partes não alemãs ocupadas por alemães durante a Segunda Guerra Mundial foi realizado em ambos os casos, sob disfarce de legalidade, pela ação do governo legal de sangue frio. Estes não foram assassinatos em massa cometidos espontaneamente por multidão de pessoas privadas. A responsabilidade dos cidadãos particulares do Comitê de União e Progresso da Turquia e da Alemanha de Hitler foi, é claro, grave...”

3. O PERÍODO COMPLETO

Abrangendo os anos de 1919-22. A Associação Internacional de Escolares de Genocídio, no entanto, cobre a destruição até 1923. Os trabalhos listados para esta fase são menores do que os da seção anterior. Entre os títulos incluídos, apenas um pequeno número lidava com o desaparecimento gradual da identidade nacional otomana e a dilatação da ideologia do Turquismo e seu conceito expansionista de Turanismo - Panturquismo, ideologicamente pertinente de 1908. A maioria das violentas correntes islâmicas sunitas permanecem ressurgentes. Embora o conceito expansionista seja utilizado de forma proeminente durante o estágio anterior, o Turquismo, no entanto, é implementado estritamente na Anatólia a partir do advento deste período por uma reunião altamente militarizada de jovens turcos que estabeleceram uma nova república baseada na ideologia racista-nacionalista acima mencionada. O ódio racial Xenófobo permanece inalterado.

Consequentemente, a destruição genocida é revitalizada significativamente. Os sobreviventes do genocídio são atacados e exterminados. O de jure reconhecida República da Armênia independente, formada na Armênia Oriental, é invadida e grandes áreas são ocupadas, seguem os extermínios. As regiões gregas pônicas do Mar Negro são infligidas com um programa sustentado de deportações e aniquilação genocida. Os cristãos assírios (Caldeus católicos, nestorianos ortodoxos) sobreviventes não podem retornar às suas terras. Yezidis também sofrem de forma significativa. Em setembro de 1922, o porto do Egeu de Esmirna é principalmente destruído em uma incrível holocausto - a tática utilizada é a mesma que em Adana, 1909 - vastas seções de sua população cristã são aniquiladas. É o fim da Europa na Anatólia. O governo constitucionalista otomano de jure pós-guerra, restabelecido em Istambul / Constantinopla no final da guerra, se opôs completamente aos Jovens Turcos que operam na Anatólia. Ele emitiu ordens para a prisão e a execução de seus líderes, mas sem sucesso.

A taxa de mortalidade do período em questão é medida em centenas de milhares. Assim, os Períodos Primário e Completivo acima mencionados do Genocídio estão intimamente ligados. Durante a inflicção primária, o perpetrador foi liderado por Enver, o generalíssimo proeminente do turquismo da Anatólia. Essa liderança durante o Período Completivo foi assumida por Mustafa Kemal. Ambos escaparam fraudulentamente à prisão e à execução. Este traço interligado é bem registrado por contemporâneos desta escala do tempo, Arthur J. Grant [Universidade de Leeds] e Harold Temperley [Universidade de Cambridge] na quinta edição do trabalho que cobrem o período pré-G.M.II, *Europa no século décimo nono e vigésimo*:

“A tentativa de Enver-Kemal de exterminar uma nação inteira é um crime absolutamente incomparável na história”. Em um parágrafo subsequente, os Professores destacam o fato de que a Armênia recebeu surpreendentemente pouca ajuda da Europa Ocidental, considerada um fracasso grave; No entanto, a nação está destinada a sobreviver. A este respeito, atestaram: *“A engenhosidade mais diabólica do homem foi derrotada pela constância sobrehumana da nação armênia”.*

4. A FASE DE NEGACIONISMO : INCENTIVANDO UMA PSIQUE DE REPETIÇÃO

Esta fase ganhou importância significativa com conotações para o mundo contemporâneo, bem como o futuro. Começa em 1921 com um Tratado de Amizade bilateral celebrado entre a administração da Anatólia dos Jovens Turcos e a administração russa soviética em Moscou, onde é assinado. Nenhum representou um estado de jure reconhecido. Em muitos aspectos, é uma colusão - efetivamente de má fé - visada contra a Armênia. Foi ratificado, conforme ditado por seu texto, um texto impregnado de turpitude moral, na cidade armênia ocupada de Kars, onde cláusulas suplementares foram adicionadas aos seus objetivos. Por isso, alguns o classificaram como o Tratado de Kars. Surpreendentemente, até uma diminuta armênia soviética, criada pela Rússia, é forçada sob pressão acrescentar sua assinatura. A ajuda minimalista da Rússia é enganosa, pois é o único país europeu em uma excelente posição geográfica e militar que poderia prestar toda a assistência necessária à Armênia. A Rússia procede a entregar aos agressores militares genocidas toda a Armênia Ocidental e, com essa psique malévola, procede a distribuir a maioria da Armênia Oriental aos seus vizinhos. A execução é predominantemente por força. Dentro da Civilização européia há uma série de grandes traições. Este exemplo também pode ser adicionado a essa categoria. A integridade territorial da Armênia é praticamente reduzida a zero, assim como a sua soberania em várias frentes. A delimitação de fronteiras de acordo com essa malfeição não pode possuir legitimidade ou longevidade.

Os valores europeus são esmagados; Além disso, as fronteiras culturais europeias são prejudicadas em um ponto crucial. Desde a sua criação, o tratado de amizade acima mencionado foi nulo e sem valor, exceto para os malfeitores que o iniciaram e seus séquitos licenciosos. O efeito jurídico é vencido porque dois regimes acusáveis nenhum de jure desmantelam um estado de jure. Detalhes sobre as negociações estão disponíveis no notório trabalho *Moskova Hatıraları de Ali Fuat Cebesoy, Istambul, 1955*. Ele era um turco jovem (CUP) oficial enviado a Moscou pelo turcomano da Anatólia, disfarçado de “embaixador”. Como esperado, o perjúrio em questão foi excluído do Tratado multilateral de Lausana de julho de 1923. No entanto Lausana, possui falhas jurisprudenciais sérias ao ser comparado com o primeiro tratado multilateral de paz de Sèvres, concluído em agosto de 1920; uma vez que as cláusulas mais pertinentes de Sèvres que levaram alguma justiça às minorias nacionais e à integridade territorial para outros estão faltando no Tratado de Lausana. Este último foi uma autorização para a promoção da malversação do estado sanguinário. Lausana é uma tentativa de ignorar o Tratado de Sèvres, seus signatários não são idênticos. A intenção original de seguir sem violência continua a ser primordial. Mais significativamente, no entanto, os limites da Armênia Ocidental com a Anatólia foram delimitados pelo arbitramento do presidente Woodrow Wilson de novembro de 1920. No direito internacional, as arbitragens são vinculativas. O tratado de Lausana não define fronteiras para as regiões acima mencionadas. Tendo em conta todos os aspectos, a arbitragem de Wilson - como nomeação da comunidade internacional - é estritamente correta e justa. Para certos aspectos, também pode ser apropriado consultar, o trabalho do primeiro-ministro britânico Lloyd George, *A Verdade sob Tratados de Paz*, publicado em 1938.

As seções relevantes do Tratado de Sèvres e a arbitragem de Wilson não podem ser implementadas por causa da violência de Genocídio restabelecida pelos Jovens Turcos, conforme observado no Período Completivo acima referido. A mesma violência maximalista também interrompeu o progresso do processo de ratificação do Tratado. É claro que uma tentativa ilícita foi feita para velar e ignorar as realidades relevantes para a Armênia e o genocídio armênio. Tais realidades são sistematicamente interligadas. De fato, o objetivo primordial do genocídio é duplo: destruir uma nação e ocupar seu país. O direito internacional e os valores morais foram destruídos. As resoluções aprovadas por unanimidade pela Liga das Nações foram categoricamente contra tais desenvolvimentos. Uma tendência multifacetada de má-fé foi estabelecida. Essa tendência permanece em movimento. É altamente recomendável a erradicação exaustiva de tal extremismo. [Tratados Internacionais: Legais e Politicos.](#)

A negação de fatos e as correções necessárias das conseqüências perpetuam a malversação. Foi menos de duas décadas depois que a liderança nazista declarou que o genocídio armênio havia permanecido incontestável, e usá-lo como exemplo, embarcou em uma grande destruição genocida. O nazismo, é claro, também é uma ideologia racista-nacionalista. Assim, a falha notória anterior de um número de grandes potências é cúmplice desse fracasso. Para as nações perpetradores, é responsabilidade coletiva. O princípio expansionista oriental do nazismo - baseado em aspectos seculares - foi classificado como *lebensraum*. Paralelos dentro da ideologia do turquismo - podem ser secularistas ou islâmicas - também existem.

Algumas publicações posteriores cobrem a fase de negacionismo, algumas também registram outros genocídios. Todos os livros listados na bibliografia referem-se diretamente à destruição armênia. Há também uma série de relatos biográficos de sobreviventes de genocídio, em diferentes idiomas, o que exigirá uma listagem separada. A sobrecarga da bibliografia foi evitada. A maioria das publicações mais antigas agora possui reimpressões fac-símile. Além disso, nesta seção, o termo "negacionismo" tem sido utilizado como um neologismo que pode razoavelmente classificar todos os negadores do Genocídio e suas táticas. Dentro deste grupo pode-se incluir também aqueles que trivializam tais desenvolvimentos massivos e bem registrados no mundo livre. Os criminosos não possuem limitações. As realidades atuais demonstram que, praticamente todos os estudiosos e historiadores de genocídios independentes, exceto um pequeno número que, direta ou indiretamente, trabalharam ou estiveram envolvidos com o elemento perpetrador, classificam a destruição armênia como genocídio. As publicações acadêmicas refletem predominantemente esse fato. O preâmbulo da Convenção das Nações Unidas de 1948 sobre o crime de genocídio afirma que: "Reconhecendo que todos os períodos da história do genocídio infligiram grandes perdas à humanidade". Desta forma, tais desenvolvimentos invariantes tão bem registrados do passado também são classificados como genocídio. [Tratados, protocolos convenções da ONU.](#) a materialização geral da destruição armênia é anterior a 1915 por vinte anos; No entanto, o Período Primário, com seu ápice de extermínios registrado em 1915-17, é, portanto, lançado como o Grande Genocídio, às vezes também conhecido como Mets Yeghern, O Crime Grande. Hoje, a população armênia registrada dentro dos territórios controlados pelo Turquismo da Anatólia deve ser bem superior a oito milhões.

Na realidade, o que foi perdido, não foi devolvido e permanece sob ocupação, inclusive a questão da compensação, demonstra claramente que a personificação do Crime é amplamente abrangida dentro da configuração do Genocídio, com possíveis aspectos adicionais. À medida que a situação permanece mesma, a destruição é moralmente e factualmente um genocídio; adicionalmente legalmente, pode ser classificado como Crimes Contra a Humanidade, bem como Genocídio. Devido às realidades urgentes, é inerente a classificação legal do Genocídio permanentemente. Além disso, para a segurança de todos os interessados, é essencial liquidar eficazmente a posição não autorizada do perpetrador. A República da Turquia é o estado sucessor do Império Otomano.

Também é prudente registrar que, as fronteiras estabelecidas pela coerção do genocídio não podem ser seladas como lícitas. Destruição em várias camadas - de uma nação ou de um grupo específico, no todo ou em parte, inclusive assassinato em massa e desenvolvimentos relacionados - é reconhecido como genocídio. Crimes Contra a Humanidade, envolve principalmente assassinatos em massa e desenvolvimentos relacionados. Quando as características sustentadas da fase de negacionismo são levadas em consideração, o exemplo da Armênia é a destruição multi-camadas mais efetiva dos tempos modernos. A sua formação em estratos também inclui a ocupação da terra de origem da nação de forma ampla, forçando a maioria - especialmente as crianças - a desaparecer constantemente em terras estrangeiras.

Os três primeiros artigos principais de Convenção de Genocídio de ONU de 1948 são relevantes tanto para os estados quanto para os indivíduos. O artigo I, classifica o genocídio, cometido em tempo de paz ou de guerra, como crime de direito internacional e compromete-se a prevenir e punir. O artigo II, enumera cinco atos que especificam o genocídio. O exemplo armênio é completamente compatível em todos os aspectos. O artigo III enumera as variantes puníveis, como conspiração e cumplicidade. Uma série de artigos subsequentes abordam questões como a extradição, julgamento e punição de indivíduos. O artigo IX estipula "... a responsabilidade de um Estado de Genocídio ou de qualquer outro ato enumerado no Artigo 3". O exemplo armênio teria sido tratado automaticamente com a referida cláusula, se tivesse ocorrido depois de 1948. A questão retrospectiva - no que diz respeito ao direito internacional - pode ser contornada por um tribunal internacional adequado ou uma posição internacional consolidada das principais potências. O progresso, no entanto, também exige a implementação de julgamentos se as características existentes do genocídio forem corrigidas.

Deve lembrar-se que o arbitramento internacionalmente válido de Woodrow Wilson em relação à Armênia não pôde ser implementado devido à agressão militar do perpetrador.

É razoável afirmar que, em caso de incumprimento sustentado, as principais potências podem ter que administrar o perpetrador do seu próprio remédio em conformidade. De acordo com a Convenção das Nações Unidas de 26 de novembro de 1968, existe a não aplicação da limitação legal - como no caso do genocídio - sobre crimes de guerra e crimes contra a humanidade. O último termo foi concebido pelas Forças Aliadas em 1915 em resposta ao extermínio dos armênios. Por outro lado, o novo termo Genocídio foi cunhado pelo advogado internacional Raphael Lemkin nos Estados Unidos, que classificou

uma antiga forma de ampla destruição humana com novas denotações. Além disso, o precedente legal de longa data, é claro, estipula que o maléfico - como resultado da responsabilidade do Estado ou de outra forma - não pode manter os frutos de seus crimes. Em tempos mais recentes, um grupo de estudiosos do genocídio divulgou uma fórmula que especifica oito estágios para o crime em questão; os seis primeiros são os sinais de alerta - *classificação, simbolização, desumanização, organização, polarização, preparação, extermínio, negação* - o exemplo armênio cumpre inteiramente. Por uma questão de realidade, *as Fases* - como atestam este documentário - também englobam cronogramas estritamente interligados do mesmo crime, registrando especialmente seus aspectos processuais e acentuando amplamente os múltiplos traços de negação que impedem a correção das conseqüências, muitas vezes intencionalmente, indiretamente contribuindo para a prevaricação.

ILUSTRAÇÕES DOCUMENTADAS

1. *PRECEDENCIA AO GENOCÍDIO*



As regiões apontadas durante a etapa de 1894-96 - também classificado como GENOCÍDIO EMERGENTE - são a Armênia Ocidental, o Curdistão do Norte e a Anatólia Oriental. Eventualmente, a capital, Constantinopla, também é incluída. As vítimas são assassinadas em suas próprias cidades e aldeias e enterradas em covas comuns, conforme registrado na ilustração de Erzurum 1895, na Armênia Ocidental. O ano de 1909 refere-se à cidade de Adana e suas aldeias armênias vizinhas localizadas na Armênia da Anatólia, conhecida como Cilícia. Está situado na costa do Mediterrâneo. Lá, o processo do massacre é significativamente intensificado por um enorme

holocausto. Durante a etapa de 1894-96, bem como o período primário seguinte do genocídio, os curdos sunitas tiveram um papel significativo nas destruições. Seu principal objetivo foi adicionar grandes setores da Armênia Ocidental a um novo Curdistão que pretendem criar. As fronteiras licitas delimitadas pelo Arbitragem do Presidente Wilson são vinculativas e corretas. A demarcação da fronteira é conhecida como Linha de Wilson. Uma excelente coleção original de ilustrações e fotografias republicadas que cobrem esta cronologia está disponível no, genocídio armênio de Hayk Demoyan: Cobertura da Primeira Pagina na Imprensa Mundial, AGM-Institute, 2014. Para a consulta de tratados internacionais fracassados consulte: M.G. Rolin - Jaequemyns, Armênia, Armênios e Tratados, Londres, 1891, e Duque de Argyll, Nossas Responsabilidades para a Turquia, Londres, 1896. Numerosas outras obras também fornecem detalhes.

Hamidiye, as brigadas sunitas curdas irregulares - nomeadas após o monarca - foram criadas pelo governo turco otomano em várias regiões orientais. Sua inscrição foi conduzida por orações muçulmanas, como ilustrado pelo exemplo de Diyarbakır de 1895. As brigadas desempenharam um papel importante no processo de extermínio, que por sua vez foi vinculado a uma política sunita pan-islâmica. Essa política, externamente, visava para uma série de potências européias e, claro, também o Irã xiita. O início do genocídio é agosto de 1894. Milhares de tropas regulares e Hamidiye destroem as aldeias montanhosas do distrito de Sasun, ao sul de Mush, na Armênia Ocidental. O objetivo é matar todos. Consulte: Sir Robert Graves Centros de Tempestade de Oriente Próximo, 1933, e Christopher J. Walker, Armênia: a Sobrevivência de uma Nação, 1980.



Os massacres de Adana, o holocausto de 1909, vidas perdidas aproximam-se da figura de 30000. Foi conduzido durante um período não-beligerante em dois etapas rapidamente sucessivos. A primeira fase foi implementada de acordo com a política pan-islâmica sunita de Abdul Hamid, uma política também utilizada durante os extermínios acima mencionados da década de 1890. Este monarca - muitas vezes referido como Sultão Vermelho ou o Grande Assassino - foi prontamente deposto pelos oficiais dos Jovens Turcos, que seguiram principalmente a ideologia do Turquismo. A segunda etapa foi imediatamente implementada pelo mesmo elemento ideológico que depôs Abdul Hamid e rebaixou o Pan-Islâm, substituindo-o gradualmente pelo Turquismo. Esse elemento foi o Comitê de União e Progresso (CUP). Dentro política do otomanismo pan-islâmico, as nacionalidades cristãs não poderiam existir, se perseguissem independência, autonomia ou mais ao ponto - valores europeus.

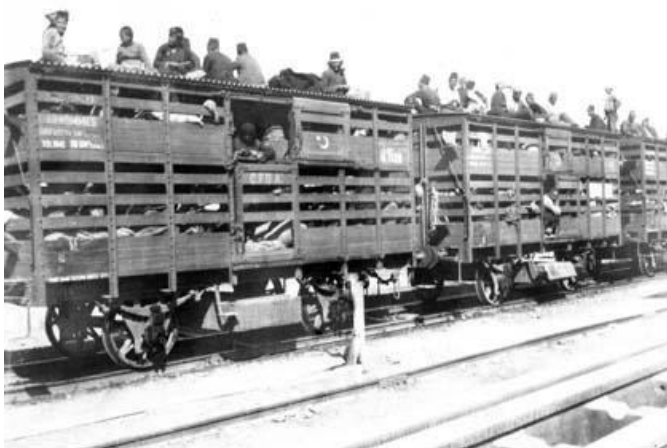
Conseqüentemente, eles tiveram que ser gradualmente exterminados. O mesmo processo genocida também se desenvolveu dentro do Turquismo. De acordo com seus princípios racistas-nacionalistas, as nacionalidades cristãs locais eram consideradas incompatíveis por motivos raciais. Assim, os extermínios como uma política executável foram implementados mais uma vez. Os armênios, devido às suas contribuições notáveis para os otomanos, foram designados como *Milleti Sadıka / Nação Fiel*. Esse aspecto foi efetivamente esquecido.



Fogo e espada, 1908 holocausto de Adana, Cilícia, Anatólia.

Na realidade, eventualmente, não só a nação armênia, mas o platô inteiro da Armênia tornou-se um alvo especial. Tinha de ser eliminado da face do planeta, porque geograficamente, impediu o aspecto especificamente racista e expansionista do Turquismo do Turanismo - Panturquismo. Manifestamente, a implementação do genocídio é consistentemente premeditada. Aqueles que se opunham ao otomanismo e ao turquismo pan-islâmico eram os constitucionalistas otomanos que pretendiam manter a identidade nacional otomana dentro de uma monarquia constitucionalista e fornecer autonomia às várias nacionalidades do Estado otomano, progredindo assim para o federalismo. O ponto de vista dos registros fotográficos, o desenvolvimento de Adana possui uma excelente fotografia, como naquele momento que a arte se desenvolveu razoavelmente bem. No entanto, durante as duas fases subseqüentes, os jovens turcos - também rotulados como "nacionalistas" - proibiram estritamente a fotografia dos procedimentos de Genocídio. A fotografia relevante sobre a destruição de Adana também está disponível em H.C. Trabalho de H.C Wood: *Zonas em Perigo da Europa*, Londres, 1911. Para detalhes fotográficos adicionais, consulte *O Gráfico*; o bem-conhecido jornal semanal britânico de notícias ilustradas, publicado em Londres.

2. O PERÍODO PRINCIPAL



Na Anatólia Ocidental - onde não havia possibilidade de guerra - a população armênia era muitas vezes deportada pelos vagões ferroviários da ferrovia de Berlim para Bagdá, conforme demonstrado pela ilustração. Perto de Adana, no sul, a trilha ainda estava incompleta. Conseqüentemente, os campos de concentração não planejados cresceram antes do destino final seja atingido. Os sobreviventes foram eventualmente transportados para pontos específicos no deserto sírio, estes serviram como campos de extermínio. Em muitos aspectos, os nazistas replicaram os mesmos procedimentos. Na

verdade, como a maioria dos governos, eles estavam bem cientes da publicação documental amplamente divulgada do governo britânico: *Tratamento dos armênios no Império Otomano*, 1916; Como esse grande

volume é praticamente uma esquema de um genocídio genérico. Um conjunto de papéis parlamentares britânicos inicialmente publicado como um Livro Azul Parlamentar, pela HSMO. Antes da publicação, no entanto, os documentos compilados foram apresentados pela primeira vez pelo Visconde James Bryce, o distinto parlamentar, ao secretário de Relações Exteriores britânico, o visconde Edward Gray; a carta de apresentação terminava com a seguinte frase: “Os fatos só foram tratados, a questão da política futura foi evitada”. Em 23 de agosto de 1916, o Visconde Gray encaminhou uma resposta proposital do Ministério das Relações Exteriores. Primeiramente, ele agradeceu ao visconde Bryce por enviar os documentos e elogiou Arnold J. Toynbee, por ter habilmente posicionado os documentos e acrescentou: “É um conjunto terrível de evidências: mas eu sinto que deveria ser publicado e amplamente estudado por todos que tem o amplo interesse da humanidade no coração ”; acrescentando que, é uma "mina de informação" que pode ser utilizada no futuro também. Assim, pode-se acrescentar que, para o período em questão, os registros parlamentares também estão disponíveis na *Hansard*.



As deportações conduzidas da Armênia Ocidental, Anatólia Oriental e do Curdistão do Norte para os desertos do sul eram geralmente de caravana. Estes foram frequentemente atacados por curdos sunitas, roubados e destruídos. O procedimento foi organizado em cooperação com a gendarmaria e o Teşkilatı Mahsusa, o serviço secreto da administração do jovem turco. Não havia praticamente ninguém para protegê-los. Os homens armênios de idade militar tinham sido redigidos e executados na maior parte. Os procedimentos são de Anel de Ferro - o escape é estritamente impedido.



Marchas da Morte: muitas famílias não tinham transporte, conseqüentemente foram obrigadas a caminhar distâncias significativas em condições adversas. A maioria não sobreviveu, eles não deveriam sobreviver. Quanto a esses procedimentos, Sir Winston Churchill - Ministro do Gabinete - registrou em sua publicação de 1929, Crise Mundial: Efeito "... as deportações foram adotados como um sistema fácil de matar". Combinação de procedimentos são uma prova explícita do objetivo da "intenção de destruir", conforme estipulado no segundo artigo da Convenção de Genocídio de 1948 da ONU. Além disso, é claro, os malfeitores proeminentes não abandonam intencionalmente documentos incriminatórios para que possam ser indiciados no futuro. Os arquivos otomanos e republicanos devem ser completamente liberados de tal material. No entanto, o Ministro do Interior e mais tarde o Grão-Vizir não conseguiram ocultar um conjunto de comandos. A este respeito, consulte: *Taner Akçam, Ordens da Morte: Telegramas de Talat Pasha e o Genocídio Armênio, 2018*

Vida e morte no deserto: há inúmeras invenções malignas dos Jovens Turcos e seus sucessores em relação a esses desenvolvimentos. Um desses aspectos do turquismo que enfrenta o mundo é a afirmação de que não eram os armênios que sofreram genocídio, mas as vítimas eram realmente os turcos. Se esse fosse realmente o caso, deveriam ter sido os turcos que desapareceram das regiões das deportações, bem como aniquilações definitivas, e não os armênios. O conjunto persistente de extermínios, bem como as deportações relacionadas, provam sem dúvida que o desenvolvimento é estritamente genocídio e, além disso, pode ser classificado como Crimes Contra a Humanidade.



Somente aquelas comunidades que lutaram como sucesso conseguiram quebrar o Anel de Ferro de Genocídio e sobreviver. A este respeito, a cidade de Van na Arménia Ocidental é o melhor exemplo. Infelizmente, uma resistência semelhante para a sobrevivência falhou durante a Segunda Guerra Mundial. Essa catástrofe é, é claro, a revolta de Varsóvia de 1944 contra os nazistas. *Die vierzing Tage des Musa Dagh*, por Franz Werfel é um relato de evasão armênia bem sucedida, em um formato de romance, da costa do Mediterrâneo da Anatólia com a ajuda de navios de guerra dos aliados. O livro foi amplamente lido nos guetos controlados alemães da Segunda Guerra Mundial. Como esperado, foi proibido pelos nazistas, bem como pelo regime baseado em turquismo na Anatólia.



Deportação



Concentração



Extermínio

Anel de Ferro do Genocídio.

Procedimentos rápidos visados para alcançar a solução final.



Os civis expulsos de suas casas são levados para os campos da morte nos desertos do sul. Soldados e milícias especiais armados com fuzis e baionetas garantem que ninguém escape, ajudando decisivamente o processo de extermínio. Quando desertos amplos não estão disponíveis, as vítimas são aniquiladas em túmulos aquosos. De fato, na região do Mar Negro, comunidades inteiras são levadas por barcos e afogadas.



Tentando sobreviver ao anel de ferro



Numerosas crianças morreram durante o genocídio. Pouco depois da guerra, no entanto, o público norte-americano criou grandes fundos para ajudar os sobreviventes. Sem esses fundos, grandes números, especialmente crianças, teriam perecido mais uma vez. O Auxílio americano do Oriente Próximo - iniciado em 1915 por James L. Barton, Henry Morgenthau e Cleveland H. Dodge - foi proeminente. Em 1919, essa situação foi uma das principais razões para o estabelecimento do fundo Salve Crianças na Grã-Bretanha. A ilustração é um cartaz norte-americano para ajudar a garantir os fundos em questão. O último reflete o espírito dos acontecimentos de forma decisiva. Henry Morgenthau, mencionado anteriormente, registrou os traços destrutivos dos jovens turcos em seu trabalho: *História do Embaixador Morgenthau*, 1918.

O mencionado Henry Morgenthau foi o embaixador dos Estados Unidos na Turquia de 1913 a 1916. Os Estados Unidos entraram na Grande Guerra - sob a liderança do Presidente Woodrow Wilson - em 6 de abril de 1917, mas não declararam guerra à Turquia, para que seus missionários pudessem permanecer no país a fim de ajudar os armênios. No entanto, quando os Estados Unidos entraram na guerra, seu sucessor diplomata sênior, o embaixador Abram Elkus foi chamado de volta. Como diplomata desalinhado em uma posição única - todos os diplomatas aliados foram retirados - Morgenthau pôde realizar longas consultas com os líderes dos Jovens Turcos, registrando astutamente suas características errôneas em relação a vários assuntos, posteriormente publicados em seu trabalho: *A História do Embaixador Morgenthau 1918*. A destruição armênia possui várias etapas, sendo o mais proeminente, O Assassinato de uma Nação. Assim, a política dos Jovens Turcos verifica que: “Antes que a Armênia seja abatida, a Armênia deve ficar indefesa”. Consequentemente, pode-se acrescentar de forma decisiva que, no futuro, uma Armênia sobrevivente, para sua defesa essencial, deve recuperar sua geografia predominantemente e restaurar sua demografia nacional. Por isso, incorpore permanentemente infraestruturas de segurança superiores. Afinal de contas: *ser ou não ser, essa é a questão*.

Um substancial trabalho francês compilado por Arthur Beylerian e publicado pela primeira vez em 1983 pela *Les Publications de la Sorbonne*, foi republicado pela Editions Sigest, com cinco mapas atualizados e um extenso índice. Abrange as grandes potências, o Império Otomano e os armênios nos arquivos franceses durante a Grande Guerra. O título é: *Les grandes puissances, L'Empire Otomano et les Armeniens dans les arquivos Françaises* (1914 - 1918), Paris / Alfortville, 2018, Lxiv 772 pp.

3. **PERIODO COMPLETO**

As crianças que sobrevivem são cuidadas e gradualmente transferidas para longe do perigo do turquismo. Eventualmente, no entanto, como confetes no vento, eles foram abrigados em diferentes partes do mundo. A fotografia registra um desses encontros em Bakuba, no centro do Iraque, em 1919. Os filhos cristãos assírios também foram reunidos neste momento. Nos últimos tempos, o comunicado do primeiro-ministro turco no dia 23 de abril de 2014 foi destinado principalmente aos descendentes desses sobreviventes. . Seu texto está dentro do contexto



geral de que: durante a Primeira Guerra Mundial, milhões perderam suas vidas e que as nacionalidades do Império Otomano sofreram de forma semelhante; consequentemente, os armênios são apenas mais um exemplo desse sofrimento. A declaração acrescenta: "... desejamos que os armênios que perderam a vida no contexto do início do século XX, descansem em paz e transmitimos nossas condolências aos seus filhos". Embora a seção citada da declaração possa ser considerada razoável, ainda que, devido à sua inclinação geral irracional, os descendentes de sobreviventes de genocídio podem descartá-la por completo. Além disso, é claro, o comunicado, não lida com o conjunto de questões pendentes.



O Lobo Cinzento, um símbolo que representa a ideologia expansionista oriental do turanismo-panturkismo, foi incluído no primeiro conjunto completo de selos emitidos em 1922 pelo novo regime da Anatólia. A origem do símbolo está enraizada na mitologia da Mongólia.

Os líderes do país que perseguiram esta política durante a Guerra e comprometeram a Fase Primária do Genocídio Armênio - inclusive de Enver, Talaat e Djemal - escaparam mesmo antes da guerra ter terminado. No entanto, esses criminosos foram condenados à morte, por ausência, por um governo otomano de jure recentemente estabelecido em Constantinopla, inicialmente apoiado pelos Aliados. Era o segundo nível dos oficiais judeus turcos desse elemento criminoso que começaram a operar de forma independente na Anatólia e estabeleceram um novo regime baseado no turquismo. Eles eram predominantemente ex-membros da CUP. Os Aliados haviam ocupado apenas certas regiões

costeiras da Anatólia e não conseguiram desmilitarizar seu interior. [Conferencia de Paz de Paris](#). O elemento que perdeu o Império, ao colocá-lo em risco indevido, agora estava ganhando o controle decisivo.

Sua raiva militar, rotulada como "a guerra da independência", era predominantemente um processo para a implementação do Turquismo - inclusive de extermínio; mantendo a ocupação de certas regiões, como Armênia Ocidental e o Curdistão do Norte; eliminação da monarquia e o despejo das potências aliadas de certas províncias costeiras. Esta última iniciativa - especialmente no que diz respeito ao Estreito - também foi um dos principais objetivos russos.

O novo regime começou prontamente a implementar a ideologia do Turquismo em uma população muçulmana predominantemente analfabeta e incrivelmente mista. Em primeiro lugar, as minorias muçulmanas não poderiam existir. Em segundo lugar, o ideal de raça - ırk - foi promovido e um pedigree racial surpreendentemente inventado foi imposto à população; especificando que eles tinham uma determinada origem racial como os turcos - Türk - uma raça que havia emanado da Ásia Central. A palavra raça - ırk - tornou-se comum nos livros, apenas para ser erradicada por razões políticas óbvias após a meados da década de 1960. A ideologia, no entanto, permaneceu inalterada. Assim, começou a criação de uma incrível história baseada em meias verdades e em invenções definitivas. Esta destruição tornou-se muito mais simples de implementar quando o alfabeto otomano foi descartado em favor do latino. Os principais trabalhos nunca foram republicados ou foram distorcidos significativamente. Grandes secções da literatura do país foram efetivamente enterrados. Foram impressos livros escolares surpreendentemente distorcidos e outras publicações foram publicados. Esse é um processo contínuo. O formato enraizado do ódio racial xenófobo é fomentado em larga escala. Primeiras edições de trabalhos anteriores são importantes, pois edições posteriores têm os aspectos racistas removidos. As primeiras edições de trabalhos anteriores são importantes, pois as edições posteriores foram removidas dos aspectos racistas. Aqueles que tentaram trazer a realidade para o mundo anatólio foram presos. É preciso ter em conta que, dentro da ideologia do Turquismo, mentir descaradamente pode tornar-se praticamente uma virtude. Realmente, se a anatólio deve ser rotulado como turco, então o último só pode existir dentro das fundações otomanas e não dentro das invenções do turquismo. Rebase do regime é imperativo. Turquismo é fundamentalmente uma ideologia orientada a leste. Conseqüentemente, o ressurgimento do fundamentalismo islâmico sunita no país tem sido praticamente uma realidade. Além disso, se adoctrinados com o turquismo, os muçulmanos xiitas que habitam países além de suas fronteiras de facto do leste também defendem as mesmas características extremistas racistas-nacionalistas.



A ilustração à direita é de Talaat, inicialmente Ministro do Interior, mais tarde o Grande Vizier - equivalente ao primeiro ministro - do Estado otomano, durante a Primeira Guerra Mundial. Um membro proeminente do Comitê de União e Progresso e um dos principais arquitetos do genocídio armênio. A fotografia à esquerda, representa um período anterior, em relação a Enver e Mustafa Kemal, respectivamente. Como oficiais superiores, eles serviram na guerra de Tripolitania de 1911-12. Enver se tornaria o futuro Ministro da Guerra do Império, bem como um dos principais arquitetos do Genocídio. Ele era um membro proeminente do Comitê de União e Progresso. Ambos eram membros do igualmente homicídio Teşkilatı Mahsusa, o serviço secreto dos Jovens Turcos. Foi encabeçado por Enver.



Saidi Kurdi Nursi, o bem conhecido zeloso, pregador curdo sunita, também estava entusiasmado por operar sob os auspícios da organização secreta acima mencionada - não diretamente como um membro, mas conhecia pessoalmente

a Enver - conduzindo operações, auxiliadas por milhares de tropas irregulares, sob a impressão do Hamidiye, agora reativado como o Asakir-i Milliye-i Kurdi. Em 1916, ele foi preso e exilado pelo exército russo avançando para o oeste. Da mesma forma - inclusive um reconhecimento aliado - a Armênia Ocidental foi liberada em 1917, só para se perder devido à Revolução bolchevique. Posteriormente, muitos criminosos e prisioneiros de guerra escaparam. Consulte também Rafael de Nogales, Cuatro Anos Sob o Crescente, Londres, 1926.



Emblema da Teşkilatı Mahsusa: Uma reconfiguração pretensiosa da bandeira Turaniano-Panturquismo, Üç Hilal -. Os Três Crescentes

Para os objetivos dos partidos políticos em relação ao período em questão, com breves manifestos, consulte Tairk Z. Tunaya [İstanbul Üniversitesi] *Türkiyede Siyasi Partiler*, İstanbul, 1952. A edição de três volumes publicada também contém pequenos detalhes sobre o *Teşkilatı Mahsusa*.



A capa de obra de H.C. Armstrong de 1933, publicada em Londres, reproduzida várias vezes, reflete a severa regra do ditador. Um oficial do jovem turco e um membro ativo do İttihat ve Terakki Cemiyeti / Comitê de União e Progresso. Ele começou suas operações raivosas a partir de meados de 1919, a este respeito Sir Winston Churchill registrou em seu trabalho Crise Mundial: as Consequências: “...*Mustafa Kemal expandiu publicamente seus planos para a salvação da Turquia Todos os fogos de Pan-Turkismo meio apagados começaram a brilhar novamente*”.. Por isso, o estabelecimento da nova República da Anatólia sobre os alicerces do turquismo nacionalista racista, incorporou instituições novas e retratados. No entanto, os adeptos da ideologia foram apenas classificados como "nacionalistas" Na realidade, os constitucionalistas otomanos *Hürriyet ve İtilaf / Liberdade e Entente* foram os verdadeiros nacionalistas derrubados no golpe de estado de 1913. O paralelo europeu dos últimos dias é a diferença entre os nacionalistas alemães e os nazistas. As atrocidades cometidas durante o governo deste ditador, inclusive o Período Completo do Genocídio, estão ocultas. Sua postura intensamente anti-islâmica ganhou popularidade na Europa Ocidental, na Rússia e na América do Norte. Por conseguinte, uma grande parte também foi envolvido no exterior; como tal, um conjunto de livros pateticamente distorcidos também foi publicado nos idiomas europeus.

Além disso, é claro, é preciso ter em conta o infame modelo de papel desempenhado pelo extremismo desse ditador como o Führer turco, incluindo as características racistas-nacionalistas de seu regime, sobre a elite nazista na Alemanha. A este respeito, consulte a publicação de Stefan Ihrig em 2014: Atatürk em Imaginação Nazi. Dentro desta psique sombria, também pode-se mencionar o plano conjuntamente elaborado entre o nazismo e o Turkism da Anatólia para invadir a Armênia soviética e o Cáucaso durante a Segunda Guerra Mundial. De acordo com evidências passadas, esta é uma conspiração para prolongar a destruição anteriormente implementada para a Armênia Oriental e além - um desenvolvimento adicional que foi intencionalmente mantido longe da atenção do público. Tais regimes xenófobos ideologicamente baseados serão sempre riscos globais. Este desenvolvimento subsequente possui contos específicos, por exemplo: documentos do Ministério dos Negócios Estrangeiros alemães: política alemã na Turquia (1941-1943). Ministério dos Negócios Estrangeiros da URSS, Divisão de Arquivos, Editora de Línguas Estrangeiras, Moscou, 1948.



Detalhe de fotografia

MORTE E destruição: Fundamentos do Turquismo na Armênia Ocidental

Geograficamente, forma o setor imenso do país e está sob ocupação desde o início de 1918. Uma derrota disruptiva para a Civilização Europeia; é que as Fronteiras Culturais Externas da Civilização Europeia foram prejudicadas criticamente em seu ponto mais extremo do continente. Além disso, é claro, os tártaros destrutores do mar Caspio, que remanescem dos mongóis, avançavam do leste para ocupar grandes extensões da Armênia Oriental. Apesar das conotações morais, legais e estratégicas, nenhum esforço decisivo foi feito para sua recuperação. No passado, no entanto, a Civilização europeia - dentro de sua Geografia Global - possuía uma psique de libertação significativamente maior. Por exemplo, a derrota do inimigo no décimo sétimo século nos portões de Viena - referida como a Batalha de Kahlenberg em alemão - foi o primeiro passo que empurrou o invasor não europeu para as bordas orientais da Península dos Balcãs de forma incremental. Os séculos anteriores também testemunharam a libertação da Península Ibérica - classificada como Reconquista - de um determinado invasor que emana das margens do sul do Mediterrâneo. Esta luta prolongada concluiu no final do século XV. É um exemplo mais proeminente da psique de libertação. Na verdade, é razoável afirmar que a Civilização europeia nunca deve baixar seu escudo. Os desenvolvimentos passados e atuais demonstram categoricamente que as Fronteiras Culturais Externas devem ser protegidas não só de forma efetiva, mas permanentemente também. [Comunidade Europeia de Defesa.](#)



Arbitragem Internacional de Woodrow Wilson

O turquismo secularista é ocasionalmente referido como kemalismo. Semelhante a outros ditadores de direita do período, como - Il Duce, Führer - ganhou o título de *Atatürk* - "pai ancestral dos turcos" - título notoriamente irreal. Ele já havia adquirido o título de Gazi, o que significa, destruidor de cristãos. A ideologia expansionista oriental do Turanismo - Panturkismo durante o período republicano foi mantida uma política sub-reptícia para não irritar os russos e os iranianos. Durante a Primeira Guerra Mundial, no entanto, a ideologia foi proposta de forma manifesta. Este aspecto anterior está bem registrado no trabalho de Brig F.J. Moberly *A Campanha na Mesopotâmia 1914-1918*, Londres, HMSO, 1927, Vol. IV, Prefácio: no início da Primeira Guerra Mundial, o grupo interno dos líderes turcos estava "garantindo a posse da Turquia da Armênia russa, do Noroeste da Pérsia, das províncias muçulmanas do Cáucaso e da região Trans-Caspiana" [Ásia Central]. Essa tentativa, logo após o início da Grande Guerra, fracassou militarmente. No início de 1918, no entanto, Mustafa Kemal ganhou uma posição forte em relação à política militar de seu país. Moberly, continua a descrever a situação naquele momento da seguinte maneira:

"... "A recuperação militar russa foi impossível [Revolução bolchevique], e as tribos tártaras [Azeris] do Cáucaso ofereceram uma grande reserva militar intacta como um instrumento turco adequado. Portanto Mustafa Kemal, insistiu que medidas imediatas deveriam ser tomadas para realizar aspirações pan-turcas no Oriente. Ele considerou que a Alemanha perderia a guerra e se, com a sua conclusão a Turquia pudesse colocar 100 mil soldados no Trans-Caucasiano, os poderosos poderes da Entente [Grã-Bretanha, França, Itália, EUA] achariam impossível expulsá-los. Dentro deste número de homens disponíveis, Mustafa Kemal não viu nenhum limite para as possibilidades de expansão turca para o leste ... "

Em 1918, um exército Turaniano-Panturko - composto de números muito menores do que a figura acima mencionada- liderada por Enver, o primeiro generalíssimo do país avançou através da Armênia Oriental / Armênia russa e chegou ao Mar Cáspio, destruindo os assentamentos armênios em seu caminho, finalmente, em setembro de 1918, a ofensiva culminou em um assalto direto - uma carnificina arquetípica de certa magnitude - sobre a comunidade armênia de Baku, alegando um grande número de mortes. Meses antes, é claro, houve revoltas espontâneas intensamente politizadas nas vizinhanças e em numerosas outras províncias de controle russo entre os partidários dos bolcheviques e seus oponentes, envolvendo várias nacionalidades. Em contraste, a turbulência destrutiva inspirada pelo turcomanismo de setembro é uma psique multifacetada antieuropeia, com características exterminadoras. Essa psicologia destrutiva não se alterou. Pouco depois do fim da Grande Guerra, a maior parte desse exército foi retirada para a Anatólia central e ocupou a Armênia Ocidental. Nunca foi desmobilizado ou desarmado efetivamente pelos Poderes Aliados vitoriosos. Tornou-se o núcleo do novo regime baseado no Turquismo na Anatólia. Os números retidos na região do Mar Cáspio, no entanto, combinados com os tártaros / Azeris mencionados anteriormente, atacaram as províncias orientais da Armênia Oriental, como Artsakh, queimando a maior parte da cidade de Shushi em 1920 - o centro cultural mais importante da Armênia Oriental - com mortes próximas da figura de 25000. Pouco depois, os russos soviéticos invasores criaram Nagorno Karabakh de uma pequena seção da referida região e deram toda a província de Artsakh ao inimigo Genocídio da Armênia situado a oeste do Mar Cáspio, formalmente conhecido como Shirvan. Um estado assustadoramente jingoquista com uma série de anomalias estruturais insustentáveis; Até o nome atual foi usurpado do Irão do Norte. Assim, o envolvimento dos tártaros do mar Cáspio / Azeris no genocídio armênio é enfaticamente evidente. Na verdade, mais cedo foi o caso com Nakhijevan [Nakhichevan] também. A inflexão de Artsakh foi organizada por Nuri, um jovem turco geral, meio irmão de Enver e um amigo de Mustafa Kemal. Mais tarde, enquanto aguarda julgamento por crimes de guerra no porto de Batum, ele matou seus guardas britânicos com cúmplices e escapou para Anatólia. Ele também foi membro de Teşkilatı Mahsusa, e um colaborador nazista chave durante G.M.II. A fotografia acima indicada é um registro da cidade destruída de Shushi. Para mais contas fotográficas, consulte o trabalho de Shahen Mkrtchian e Schors Davtian. *Sushi: A Cidade do Destino Tragico, Ierevan, 1999*. Um artigo publicado no The New York Times de 26 de março de 1920, coloca o número de mortos de Shushi em 17000.



Durante 1920, na região ocidental da Armênia Oriental, onde a província de Kars da República da Armênia está situada - incluindo o Monte Ararat e a capital medieval de Ani - é invadida e ocupada pelos Jovens Turcos da Anatólia. A sua população escapou para o leste, os restantes são principalmente exterminados de acordo com o processo em curso. O distrito Nakhijevan da República, situado perto da capital moderna do país, também é atacado pelos jovens turcos e sofre mais destruição. Esta região, como Kars, também foi distribuída pelos russos aos inimigos da Armênia. Os armênios formaram a maioria esmagadora dentro da região geográfica da Armênia Oriental, incluindo as províncias isoladas. Para fotografia relevante sobre a psicologia genocida da região, destacando as destruições anteriores, especialmente a de Nakhijevan em 1905, consulte o trabalho do correspondente do The Times, Luigi Villari, *Fogo e Espada em Caucasus*, Londres, 1906.



Para o período chave anterior consulte : Charles A. Frazee, Católicos e Sultões, Prensa Universitaria de Cambridge, 1983. Pode-se acrescentar claramente que Artsakh, Nakhijevan e Kars são regiões estritamente inclusivas do Planalto da Armênia. Os desenvolvimentos no porto do mar Egeu de Esmirna / Izmir são diretos. De acordo com os termos de paz do Tratado de Sèvres, haveria um plebiscito para decidir o destino político de toda a Província marítima. Os jovens turcos se recusaram, temendo que perderão o processo, pois os muçulmanos poderiam ter sido minoria. Uma guerra se seguiu entre as forças gregas - primeiro pousado em maio de 1919 - e o exército de Turquismo, agora apoiada por armas russas e atado financeiramente com ouro russo. Sem ajuda direta de Aliados, o exército grego perdeu a guerra e retirou-se para a Europa. O exército do jovem turco entrou na cidade em setembro de 1922 sem qualquer oposição. Ele imediatamente implantou sua raiva racista-nacionalista contra a população armênia atacando o primeiro bairro da Armênia e incendiando-se com latas de gasolina. Uma repetição da destruição de Adana. Dentro do furioso holocausto, o exército de ocupação implementou seus procedimentos de extermínio. Tais níveis de criminalidade maximalista são esperados porque os dois malfeitores famosos - Mustafa Kemal e Kâzım Karabekir - que configuraram a agressão na República da Armênia, dois anos antes, também estão na cidade. Pouco depois, os residentes gregos sofreram praticamente o mesmo destino. Isto, é claro, é uma extensão adicional do processo bem estabelecido de genocídio. A região em questão tinha estado na cultura grega desde a Grécia antiga, sendo esta última uma das bases históricas da Civilização européia. Na verdade, após 3000 anos de história foi o fim da Europa na Anatólia. Para fotografia relevante sobre holocausto de Smyrna: consulte a obra de George Horton [EUA Cônsul Geral em Esmirna / Izmir]. A Arruina da Asia, Indianapolis, 1926; e Paraíso Perdido de Giles Milton: *Esmirna 1922*, Londres, 2008 e *Esmirna* de Marjorie Housepian Dobkin 1922: *A Destruição de uma Cidade*, Nova York, 1988.



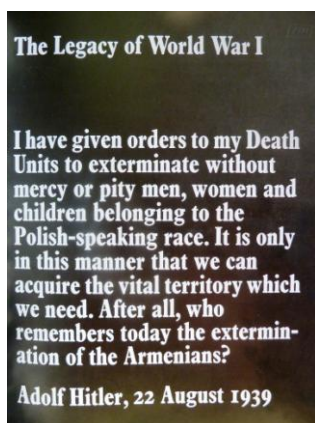
4. A FASE DE NEGACIONISMO: INCENTIVANDO UMA PSICOLA DE REPETIÇÃO



A ratificação do tratado ilegítimo de Moscou - uma criminalidade definitiva, já que também tentou vendar um genocídio - ocorreu no transporte ferroviário ilustrado. O último permanece preservado perto da cidade ocupada de Kars. Os malfeitores que implementaram essa malignidade profundamente arraigada foram os seguidores do turquismo racista-nacionalista e um marxismo russo recentemente ascendente.

Há limitações quanto a criminalidade pode ser disfarçada dentro de um manto de legalidade. Os desenvolvimentos mostram claramente que o objetivo da Rússia era destruir a Armênia predominantemente. O objetivo do Turquismo da Anatólia, no entanto, era destruí-lo por completo. O objetivo deste último é bem determinado pelas memórias notoriamente anti-armênicas do general Kâzım Karabekir, *Istiklal Harbimiz*, publicadas em Istambul, 1969. Em 1920, como comandante, recebeu uma ordem da nova capital de fato de Turquia, Ankara, onde Mustafa Kemal foi onipotente - atacar a República da Armênia. A seção-chave de um comunicado recebido posteriormente afirma:

“É imperativo erradicar a Armênia politicamente e fisicamente [Eremenistanı siyaseten ve madden ortadan kaldırmak elzemdir].”



Uma ordem genocida semelhante deveria ser declarada praticamente duas décadas depois pelo onipotente líder do Terceiro Reich.

O discurso de Obersalzberg, de 22 de agosto de 1939, do chanceler alemão, entregue a portas fechadas, aos comandantes em chefe e aos generais da ativa foi extremamente assertivo. Existe uma tradução completa do Discurso encaminhada da Embaixada Britânica em Berlim pelo Conselheiro da Embaixada, Sir George Ogilvie-Forbes, em 25 de agosto de 1939 - com uma carta de apresentação informativa - para o Ministério das Relações Exteriores em

Londres. Documentos sobre política externa britânica 1919-1939, Londres, HMSO, terceira série, 1954, vol. VII, documento 314.

O legado da Segunda Guerra Mundial.

Eu ordenei para as minhas Unidades da Morte exterminar sem piedade ou lastima homens, mulheres e crianças pertencentes à raça polonesa Somente desta maneira podemos adquirir o território vital que precisamos... Afinal, quem se lembra hoje do extermínio dos armênios?

Discurso de Obersalzberg

. Para um relato ilustrado da Grande Guerra, consulte o trabalho de David Shermer: Primeira Guerra Mundial, Londres, 1973

Em relação à Armênia, há também o trabalho proficiente do ex-primeiro-ministro britânico, David Lloyd George, que esclarece os desenvolvimentos. Foi publicado em 1938, com o título: *A verdade sobre os tratados de paz*. Ele fornece o registro de deliberações das principais potências aliadas - Grã-Bretanha, França, Itália e Estados Unidos - no Conselho Supremo da Conferência de Paz de Paris, 1919-1920. Em primeiro lugar, é prudente destacar que, nessa conjuntura, os delegados acentuaram os perigos prolongados que podem surgir quando elementos pertencentes a civilizações estrangeiras penetram nas fronteiras do europeu por invasão ou infiltração. De fato, um formato baseado principalmente no modelo multicivilisacional aplicado na Europa durante décadas posteriores - o período pós-Segunda Guerra Mundial - e muitas vezes referido como multicultural - imposto ou implementado inadvertidamente - está repleto de perigos. Estadistas e diplomatas que perseguem esse modelo nos últimos anos colocariam em risco seu eleitorado. Nesta linha do tempo anterior, no entanto, o "turco" é dado como um exemplo civilizacional conclusivo:

O turco esteve na Europa por centenas de anos e sempre foi uma maldição, um opressor e uma fonte de problemas. Nunca se tornou europeu, nunca assimilara a civilização européia e fora uma causa perpétua de guerra. Seria um homem otimista o que esperaria que a natureza do turco mudasse.

Assim, uma chave excentricidade / incompatibilidade foi reconhecida, indicando também que as culturas / nações pertencentes a fés severamente politizadas - como movimentos ideológicos entrenchados - são englobadas em civilizações que demonstram incompatibilidade com outras civilizações. Uma disparidade com diferentes níveis de intensidade. Por conseguinte, é melhor ser realista reconhecendo os fatores prejudiciais manifestamente e combatê-los categoricamente. Apesar disso, os remanescentes da Armênia tiveram que ser salvos e envolvidos em um futuro seguro. Além disso, a Conferência teve que levar em conta o Tratado Europeu de San Stefano, intencionalmente anulado e essencial, e seu subsequente substituto ineficaz, o Tratado de Berlim; um desenvolvimento que contribuiu "para os terríveis massacres de 1895-7, 1909 e, pior ainda, para o holocausto de 1915". De fato, o fracasso dos tratados anteriores estimulou significativamente a raiva destrutiva do perpetrador.

Os Poderes Aliados foram unanimemente de opinião de que os turcos não deveriam poder lucrar com suas atrocidades, e que sua herança completa deveria ser restaurada à nação armênia e uma oportunidade seria oferecida a ela para reconstruir sua força na antiga terra de seus ancestrais. . Ninguém sustentou essa opinião mais intensamente e com mais indignação contra os opressores do que o Presidente e o povo dos Estados Unidos da América.

No entanto, devido à sua difícil acessibilidade e à necessidade de protegê-la com uma força significativa contra seus inimigos determinados, nenhum poder estava disposto a aceitar o Mandato para a Armênia. Além disso, foi durante esse período que um cerco genocida estava sendo induzido como um tentáculo do Período Completivo, os turcos do oeste e os tártaros azeris do leste; era uma armadilha de Panturco-Turaniano. Os bolcheviques russos também estavam avançando a partir do último destino para seus próprios objetivos geopolíticos; no entanto, uma divergência que auxiliou a criminalidade em movimento; De acordo com seus cálculos, uma República da Armênia surpreendentemente pequena e

fraca era suficiente, um espantoso erro de cálculo impregnado de desonestidade. Meses antes, em contraste, a posição dos Aliados na Conferência era:

Era óbvio que não poderíamos concordar com qualquer acordo que deixasse o remanescente da população perseguida da Armênia às cruéis misericórdias da raça que massacrrou, ultraou e pilou por uma geração e continuou até o fim da guerra. Mas a Armênia, com seus remanescentes despovoados e desanimados, não podia ficar sozinha contra os turcos, de um lado, e os bolcheviques, do outro. Era essencial, portanto, que encontrássemos um Poder obrigatório que assumisse como dever humano a proteção dessa comunidade cristã atormentada nas montanhas da Armênia.

Armadilha de Panturco- Turaniano; em 1920, pouco depois do final da Conferência de Paz de Paris, a cidade de Kars, na Armênia - como anteriormente observado - foi invadida. A ilustração é um detalhe que destaca as igrejas da cidade com o castelo localizado em um terreno mais alto, antes da ocupação genocida subsequente.



A Armênia e sua nação estiveram em uma posição geográfica chave por milhares de anos. Mais importante, é claro, os valores e tradições cristãs da nação foram incluídos na civilização européia. **Cristianismo e Governo.** Sem dúvida, eliminar uma Armênia abrangente criaria perigos severos; daí, promovendo muito o Turanismo-Panturkismo e o Pan-Islamismo, que certamente eram novos desenvolvimentos, e agora mais prejudiciais para a Civilização Européia, assim como para outros. De fato, no que se refere à geografia, a Armênia teve que ser restabelecida com segurança. A Secretária de Estado dos Estados Unidos, Bainbridge Colby, transmitiu de Washington o seguinte ao Conselho Supremo da Conferência, destacando os perigos em conformidade:

Pode haver um grande movimento pan-muçulmano ou pan-turaniano e, face a isto, a Conferência de Londres considerou que era desejável que a paz do mundo em geral penetrasse entre os muçulmanos da Turquia e do resto do mundo. Leste na forma de um país cristão, que seria na forma de um novo Estado armênio.

Nas fronteiras ocidentais do país, os curdos também são percebidos como um problema. No leste, os tártaros do Cáspio são mencionados como: “Azerbaijanos, que eram meio civilizados”. De fato, sob as circunstâncias, essa denotação não é surpreendente. Além disso, o perigo do Lobo Cinzento era óbvio. A posição francesa observou que:

Estamos todos de acordo que seria difícil para os remanescentes armênios abandoná-los sem dar à América a chance de demonstrar o que estava preparada para ajudá-los a reconstruir uma nação forte o suficiente para se defender contra o Lobo Cinzento.

Segundo o governo dos Estados Unidos, o presidente Wilson estava disposto a arbitrar as fronteiras da República da Armênia.

O interesse genuíno do governo dos Estados Unidos no plano para a Armênia não pode ser questionado, e o governo está convencido de que o tratamento mais liberal para esse país desafortunado é esperado e exigido pelo mundo civilizado. Os limites da Armênia, portanto, devem ser fixados de modo a reconhecer todas as reivindicações legítimas dos armênios e assegurar-lhes acesso livre e fácil ao mar.

O Tratado de Lausanne pode ser o melhor ponto para resumir os detalhes dos registros de Lloyd George. De fato, ele judiciosamente a classifica como a “rendição covarde de Lausanne”. Nenhuma civilização deveria se render a tal maldade desonesta; a erradicação de seus aspectos prejudiciais é imperativa.

Transgressões profundamente ilícitas de malfeitores e a perpetuação das graves consequências por seus sucessores devem ser levadas à justiça; Imutáveis, eles não podem permanecer. No entanto, o regime na Anatólia e seus partidários corrompidos no exterior incentivam a negação do genocídio, acreditando que, ao fazê-lo: em primeiro lugar, a compensação necessária e o retorno das propriedades podem ser evitados; Em segundo lugar, a restauração da soberania da Armênia Ocidental para a nação armênia pode



Sev Chart. Os direitos humanos são esmagados de forma decisiva. Retorno de tais pessoas, através de um programa especial, à sua identidade nacional original é imperativo.

Neste ponto, é possível citar brevemente a publicação de 1928, de Fridtjof Nansen, da Armênia e do Oriente Próximo. Em 1920, Nansen encabeçou a delegação norueguesa para a Liga das Nações e ele permaneceu um membro proeminente de sua assembléia geral até sua morte. Uma série de importantes projetos humanitários foram planejados e realizados com sucesso principalmente devido ao seu zelo praticamente infinito, como tal, ele ganhou o Prêmio Nobel da Paz. Em relação aos armênios, ele organizou, através da Liga das Nações, o assentamento de dezenas de milhares de sobreviventes. A introdução do editor da obra acima mencionada afirma: "*Tenho certeza de que ninguém pode estudar a história desse povo notável sem ser profundamente movido por seu trágico destino*", e acrescenta sinceramente: "*Espero que os fatos em si falem dessas páginas. à consciência da Europa e da América.*" Consequentemente, é razoável acrescentar que a "consciência" em questão pode ser insuficiente, uma vez que faltam características progressivas amplamente adicionais. Para um progresso decisivo, um nível civilizacional polivalente de capacidade intelectual européia também pode ser uma necessidade que estabelece uma capacidade ideológica fundamental em sua geografia global - que, naturalmente, é um desenvolvimento em espera. Enquanto isso, seguir adiante, implica predominantemente uma luta constante com políticos e diplomatas extraviados, ideologicamente perdidos na distante zona de penumbra da Civilização Européia, minando assim numerosas esferas - uma propensão que pode ser classificada como o inimigo interno; uma permutação criticamente instável para manter quando se leva em consideração as maciças alterações globais em andamento.



Üç Hilal



Das Dritter Reich

Bandeiras do extremismo: a ilustração à direita projeta objetivos racistas-nacionalistas, bem como expansionistas do Terceiro Reich. Seus princípios foram eliminados militarmente. A bandeira à esquerda - os três crescentes - pode aparecer com ou sem uma estrela, geralmente falta uma estrela e tem uma história política anterior de infâmia. Projeta os objetivos racistas-nacionalistas do turquismo no seu formato expansionista do turanismo-panturkismo. É crucial eliminar aspectos legislativos - secularistas ou religiosos - em relação à ideologia, tais como: organizações, centros especiais, sinais manuais, bandeiras específicas, símbolos e, é claro, canais financeiros. Já não é comumente exibido, pois foi trasladado pela bandeira oficial. Por conseguinte, a vigilância é primordial, já que, nas últimas décadas, grandes números entraram na Europa Ocidental da Anatólia, muitos dos quais foram severamente adoctrinados pelos princípios do turquismo. A negação do genocídio armênio continua a ser um importante ponto de encontro para sua ideologia extremista. Um problema que pode expandir-se significativamente no futuro. Uma contra-medida altamente eficaz é fazer cumprir especificamente a negação do genocídio armênio como ilegal em toda a União Européia. Alguns estados europeus já legislaram em conformidade. A liberdade de expressão e palavra são protegidas por difamação e as difamações são excluídas legalmente. [Direitos e Valores](#). Além disso, a promoção externa ou interna da

violência política premeditada baseada em ideologias racistas-nacionalistas - secularistas ou não - também pode ser interrompida intensamente pela legislação antiterrorista.

A realidade é que as medidas preventivas devem estar em vigor, não apenas os fatores que respeitam o genocídio esclarecido acima, mas também a respeito de um conjunto de desenvolvimentos adversos que agora enfrentam a Europa de forma enfática. Medidas subsequêntes são muitas vezes muito atrasadas e podem levar à violência. Infelizmente, é apropriado afirmar que, em relação a uma série de questões, uma ampla seção da elite política da União Européia e sua organização obediente estão agora ultrapassadas. Suas características rígidas demonstram que estão sendo ignoradas por um mundo em rápida mudança. A aplicação expedita de decisões corretas parece improvável. Na verdade, eles até não conseguiram controlar as fronteiras culturais externas da Europa de forma decisiva. Manter os direitos humanos com diligência é fundamentalmente uma questão diferente de manter uma segurança efetiva com transparência em benefício de todos os interessados. Compreensivelmente, certos pontos devem ser finamente equilibrados. Confundi-los, no entanto, pode dar origem a falhas graves, por conseguinte, desestabilização a longo prazo. Por conseguinte, em várias contas, o público europeu permanece em risco. A "escrita está na parede", foi assim por vários anos. [Escudos da Europa](#) . Se essas falhas persistirem, a Europa, como a conhecemos, desaparecerá.



TITLES

Adalian, Rouben Paul. ***Remembering and Understanding the Armenian Genocide***, Yerevan, Armenian Genocide Museum – Institute, 2010, 47pp.

Aivazian, Aram P. ***Armenia: Usurped by Genocide and Treachery: Documentary Protest of a Survivor***, Willowdale/ Ontario, Armenian Community Centre, 1992, xxv 420 pp.

Akçam, Taner. ***From Empire to Republic: Turkish Nationalism and the Armenian Genocide***, London and New York, Zed Books, second impression, 2005, xii 273 pp.

-----. ***A Shameful Act: The Armenian Genocide and the Question of Turkish Responsibility***, New York, Metropolitan Books/ Henry Holt, 2006, x 483 pp.

-----. ***The Young Turk's Crimes Against Humanity: The Armenian Genocide and Ethnic Cleansing in the Ottoman Empire***, Princeton / New Jersey and Oxford, Princeton University Press, 2012, 483 pp.

-----. ***Killing Orders: Talat Pasha's Telegrams and the Armenian Genocide***, Cham/Switzerland, Palgrave Macmillan Imprint/Springer International Publishing, Palgrave Studies in the History of Genocide, 2018, xviii 261 pp.

Alayarian, Aida. ***Consequences of Denial: The Armenian Genocide***, London, Karnak Books, 2008, xxx 199 pp.

Alvarez, Alex. ***Governments, Citizens and Genocide: A Comparative and Interdisciplinary Approach***, Bloomington/ Indiana, Indiana University Press, 2001, x 224 pp.

Apsel, Joyce and Fein, Helen (eds.). ***Teaching about Genocide: An Interdisciplinary Guidebook with Syllabi for College and University Teachers***, Washington, Institute for the study of Genocide/ American Sociological Association, third edition, 2002, ii 214 pp.

Apsel, Joyce and Verdeja, Ernesto (eds.). ***Genocide Matters: Ongoing Issues and Emerging Perspectives***, London and New York, Routledge, 2013, x 218 pp.

Argyll, Duke of, George Douglas Campbell [Member of the British Cabinet, Rector of University of Glasgow]. ***Our Responsibilities for Turkey: Facts and Memories of Forty Years***, London, John Murray, 1896, x 166 pp.

- Armenian Genocide by Ottoman Turkey, 1915: ***Testimony of Survivors***. Project Contributors: Amatuni Virabyan, Gohar Avagyan, Levon Baghdasaryan, Gagik Stepan-Sarkissian, Gegham Badalyan, Martin Martirosyan, Yerevan, Zangak – 97, 2013, 496 pp.
- Astoyan, Anahit. ***The Pillage of the Century: Expropriation of Armenians in the Ottoman Empire 1914-1923***. Yerevan, Nairi Publishing House, 2015, 253 pp.
- Atlas of the Armenian Genocide***, [Chief editor Aram Simonyan, editor and project manager Vardan Mkhitarian, further contributors: Gerard Dédéyan, Babken Harutyunyan, Gohar Ghambaryan, Armen Marukyan, Srбуhi Arzumanyan, Ruzanna Harutyunyan, Hamlet Sargsyan, translated from the Armenian by Lilit Muradyan and Taguhi Aghajanyan]. Yerevan, Yerevan State University, 2017, 87pp.
- Auron, Yair. ***The Banality of Indifference: Zionism and the Armenian Genocide***, New Brunswick and London, Transaction Publishers, 2000, 405 pp.
- Avebury, Lord Eric and Sarafian, Ara. (foreword and comp.). ***British Parliamentary Debates on the Armenian Genocide, 1915 -1918***, Princeton and London, Gomidas Institute, 2003, xi 94 pp.
- Baghdjian, Kevork, K. ***The Confiscation of Armenian Properties by the Turkish Government said to be abandoned***, translated by A.B. Gureghian. Antelias, Lebanon, Printing House of the Armenian Catholicosate of Cilicia, Antelias/Lebanon, 2010, XXXII 547pp.
- Balakian, Grigoris. ***Armenian Golgotha***, translated by Peter Balakian with Aris Sevag, New York, Alfred A. Knopf, 2009, xLi 509 pp.
- Balakian, Peter. ***The Burning Tigris: The Armenian Genocide and America's Response***, New York, Harper Collins Publishers, 2003, xx 475 pp.
- Barton, Clara. (ed.) ***Expedition in Asia Minor and Relief Operations*** (Republication of Report: *America's Relief Expedition in Asia Minor Under the Red Cross*, Washington, 1896), Yerevan, Armenian Genocide Museum - Institute, 2012, 125pp.
- Barton, James L. (comp.) [Director of American Near East Relief]. ***"Turkish Atrocities": Statements of American Missionaries on the Destruction of Christian Communities in Ottoman Turkey, 1915-1917***, Ann Arbor/ Michigan, Gomidas Institute, 1998, xiii 210 pp.
- Bartov, Omer and Mack, Phyllis (eds.). ***In God's Name: Genocide and Religion in the Twentieth Century***, New York and Oxford, Berghahn Books, 2001, vii 401 pp.
- Bedoukian, Kerop. ***Some of us Survived: The Story of an Armenian Boy***, New York, Farrar Straus Giroux, 1978, ii 242 pp.
- Bierstadt, Edward Hale [American Criminologist]. ***The Great Betrayal: A Survey of the Near East Problem***, London, Hutchinson, 1924, xvi 345 pp.
- Bishop, H.C.W. [Second Lieutenant in the British Armed Forces] ***A Kut Prisoner***, London, John Lane, 1920, xiii 244 pp.
- Bloxham, Donald. ***The Great Game of Genocide: Imperialism, Nationalism and the Destruction of the Ottoman Armenians***, Oxford, Oxford University Press, 2005, xiv 329 pp.

- Bobelian, Michael. *Children of Armenia: A Forgotten Genocide and the Century-Long Struggle for Justice*, New York, Simon and Shuster, 2009, vii 308 pp.
- Bryce, Lord James [Hereditary Viscount, President of the Board of Trade, Under-Secretary of State for Foreign Affairs, Regius Professor of Civil Law at Oxford, Chief Secretary for Ireland, possibly the most distinguished British Ambassador appointed to the United States; one of his better known works is the *American Commonwealth*]. **Transcaucasia and Ararat: Being Notes of a Vacation Tour in the Autumn of 1876.** With a Supplementary Chapter on the Recent History of the Armenian Question, London, Macmillan, Fourth edition revised, 1896, ix 526 pp.
- Burt, Joseph [Fellow of the Royal Geographical Society]. *The People of Ararat*, Richmond/London, Leonard and Virginia Woolf and the Hogarth Press, 1926, vii 184 pp.
- Campbell, J. Alston [Scottish Baptist Minister]. *In the Shadow of the Crescent*, London, Marshall Brothers, 1906, viii 240 pp.
- Card, Claudia and Marsoobian, Armen T. (eds.). *Genocide's Aftermath: Responsibility and Repair*, Oxford, Blackwell, 2007, vii 278 pp.
- Carmichael, Cathie. *Genocide Before the Holocaust*, New Haven/ Connecticut and London, Yale University Press, 2009, xi 244 pp.
- Chaliand, Gerard and TERNON, Yves. *The Armenians: From Genocide to Resistance*, London, Zed Press, 1983, 125 pp.
- Chalk, Frank and Jonassohn, Kurt (eds.). *Genocide: Analyses and Case Studies*, New Haven/Connecticut and London, Yale University Press, Published in cooperation with the Montreal Institute for Genocide Studies, 1990, xviii 461 pp.
- Charalambidis, Michalis. *The Pontian Question in the United Nations*, Thessaloniki and Geneva, Pontian Society of Thessaloniki / International League for the Rights and Liberation of Peoples, second edition, 2009, 213 pp.
- Charny, Israel W. (ed.). *Encyclopedia of Genocide*, Santa Barbara and Oxford, ABC – CLIO Publishers, 1999, 2 vols.
- Cheterian, Vicken. *Open Wounds: Armenians, Turks and Century of Genocide*, London, Hurst, 2015, xii 393 pp.
- Chorbajian, Levon and Shirinian, George (ed.). *Studies in Comparative Genocide*, London and New York, Macmillan Press/ St. Martin's Press, 1999, xiii 270 pp.
- Clark, Alice Keep. *Letters from Cilicia*, Chicago, Press of A.D. Weinthrop, limited edition of two hundred copies, 1924, 201 pp.
- Cox, Baroness Caroline and Eibner, John. *Ethnic Cleansing in Progress*, Zurich, London and Washington, Institute for Religious Minorities in the Islamic World, 1993, 68 pp.
- Crime of Genocide: Prevention, Condemnation and Elimination of Consequences*, [Proceedings of the international conference in Yerevan, 14-15 December 2010], Yerevan, Antares Publishing, 2011, 226 pp.

Dadrian, Vahakn N. [Professor Dadrian is the internationally recognised pioneering authority regarding the Armenian Genocide.] ***Genocide as a Problem of National and International Law: The World War I Armenian Case and its Contemporary Legal Ramifications***, New Haven/ Connecticut, Reprint from the *Yale Journal of International Law*, 1989, 221-334 pp., and 19 pp.

----- . ***German Responsibility in the Armenian Genocide***, Watertown/ Massachusetts, Blue Crane Books, 1996 xvi 304 pp.

----- . ***Warrant for Genocide***, New Brunswick and London, Transaction Publishers, 1999, 214 pp.

----- . ***The Key Elements in the Turkish Denial of the Armenian Genocide: A Case Study of Distortion and Falsification***, Toronto and Cambridge/ Massachusetts, Zoryan Institute, 1999, iii 84 pp.

----- . (comp.) ***The Ottoman Empire: A Troubled Legacy, Views, Comments and Judgements by Noted Experts Worldwide on the Armenian Genocide***, Yerevan, Armenian Genocide Museum - Institute, 2010, 105 pp.

Dadrian, Vahakn N. and Akçam, Taner. ***Judgment at Istanbul: The Armenian Genocide Trials***, New York and Oxford, Berghahn Books, 2011, xii 363pp.

Davis, Leslie A. [United States Consul to Harput] ***The Slaughterhouse Province: An American Diplomat's Report on the Armenian Genocide 1915-1917***, New Rochelle/ New York, Aristide D. Caratzas Publishers, 1989, viii 216 pp.

Demoyan, Hayk. (comp.) ***Armenian Genocide: Frontpage Coverage in the World Press***, Yerevan, Armenian Genocide Museum – Institute, 2014, 262 pp. [ISBN 978-9939-822-35-8]

Derderian, Shahan. ***Death Marches: An Armenian Survivor's Memoir of the Genocide of 1915***, translated from the Armenian by Ishkhan Jinbashian, Studio City/California, H. and K. Manjikian Publishing, 2008, xxi 100 pp.

Dobkin, Housepian Marjorie. ***Smyrna 1922: The Destruction of a City***, New York, Newmark Publishers, 1988, 275pp.

Eby, D.C. ***At the Mercy of Turkish Brigands***, New Carlisle/ Ohio, Bethel Publishing, 1922, 285 pp.

Einstein, Lewis [First Secretary and Charge d'Affairs of the United States Embassy in Turkey]. ***Inside Constantinople: A Diplomat's Diary...*** , London, John Murray, 1917, xvi 291 pp.

Elbrecht, Anne Elizabeth. ***Telling the Story: The Armenian Genocide in the New York Times and Missionary Herald 1914-1918***, London, Gomidas Institute, 2012, xii 234 pp.

Ermacora, Felix (ed.). ***The Armenian Genocide: Documentation***, Munich, Institut Für Armenische Fragen, 1987, 1988, 1991, 3 vols.

Evans, John M. [Former U.S. Ambassador to the Republic of Armenia]. ***Armenia and the Armenian Genocide: What Then? What Now?*** London, Gomidas Institute, 2016, xxx 170pp.

Fein, Helen. ***Accounting for Genocide: National Responses and Jewish Victimization during the Holocaust***, New York and London, The Free Press/Collier Macmillan, 1979, xxi 468 pp.

- Ferguson, Niall. *The War of the World: History's Age of Hatred*, London and New York, Allen Lane/ Penguin Books, 2006, Lxxi 746 pp.
- Fisk, Robert. *The Great War for Civilisation*, London, Fourth Estate / Harper Collins Publishers, 2005, xxvi 1366 pp.
- Frieze, Donna – Lee (ed.) *Totally Unofficial. The Autobiography of Raphael Lemkin*, New Haven / Connecticut and London, Yale University Press, 2013, xxvii 293 pp. [Raphael Lemkin was a dynamic international lawyer, born in Poland of Hebrew ancestry. In the United States he coined the new term *Genocide*, that classified an old form of a broad human destruction with new legal and procedural denotations. Subsequently, he played an important role in the establishment of UN's Genocide Convention. A lifelong preoccupation was the Armenian destruction and later, of course, the Holocaust].
- Gasparian, Seda [edited by Aram Simonyan, reviewed by Ashot Melkonyan]. *The Armenian Genocide: a Linguocognitive Perspective*, Yerevan, Yerevan State University Press, 2014, 206pp. [ISBN 978-5-8084-1886-8]
- Gasparian, S. and Paronyan Sh. and Chubaryan A. and Muradyan G., *Raphael Lemkin's Draft Convention on Genocide and the 1948 UN Convention: A Comparative Discourse Study*, Yerevan, Yerevan State University, 2016, 174 pp.
- Gates, Caleb Frank [An American Missionary's disclosures regarding the Ottoman Empire during the late Nineteenth Century]. *Not to Me Only*, Princeton/New Jersey, Princeton University Press, 1940, 340 pp.
- Genocide and Human Rights: Lessons from the Armenian Experience.** Contributors: Gilbert Abcarian, George H. Adamian, Richard Ashton, Israel W. Charny, Helen Fein, Sol Gittleman, Michael W. Gunter, Vartan Harutiunian, Irving Louis Horowitz, Richard G. Hovhannisian, Alice Odian Kasparian, Dikran Kouyumjian, Leo Kuper, John Loftus, Phredd Matthewsall, Barbara J. Meguerian, Sybil Milton, Set. C. Momjian, Vahe Oshagan, Dennis R. Papazian, William B. Proxmire, James J. Reid, Gary Remer, Richard L. Rubenstein, Roger W. Smith, Frank A. Stone, Yves Terson, George Wald, Christopher J. Walker; Baltimore/Massachusetts, National Association for Armenian Studies and Research/Special Issue of the *Journal of Armenian Studies*, 1993, xi 425 pp. [ISBN 0-935411-11-9]
- Genocide of the Armenians. Crimes Against Humanity and Civilisation: The Genocide of the Armenians**, Brookline/ Massachusetts, Facing History and Ourselves National Foundation, revised printing, 2006, boxed set including 2 vols., xii 198 pp and lesson plans iii 31 pp., 3 DVDs, folding poster and folding map [ISBN 0-9754125-0-7].
- George, Joan. *Merchants in Exile: The Armenians of Manchester, England, 1835-1935*, London, Taderon Press, 2002, 294 pp.
- Gibbons, Helen Davenport. *The Red Rugs of Tarsus: A Woman's Record of the Armenian Massacre of 1909*, New York, Century Publishing, 1917, xiv 194 pp.
- Goldhagen, Daniel Jonah. *Worse than War: Genocide, Eliminationism, and the Ongoing Assault on Humanity*, New York, PublicAffairs, 2009, XII 658pp.
- Graber, G.S. *Caravans to Oblivion: The Armenian Genocide, 1915*, New York, John Wiley, 1996, xiii 210 pp.

- Grant, A. J. and Temperley, Harold. ***Europe in the Nineteenth and Twentieth Centuries 1789-1939***, London, Longmans, Fifth edition/New impression, 1945, xxii 716 pp.
- Graves, Sir. Robert [British Consul in Erzurum – Western Armenia]. ***Storm Centres of the Near East***, London, Hutchinson, 1933, 375 pp.
- Great Britain. ***The Treatment of Armenians in the Ottoman Empire*** (Compilation of documents and introduction by Arnold J. Toynbee) London, HMSO, 1916, xlii 684 pp. Republished as the uncensored edition, Princeton and London, Gomidas Institute, 2000, xxi 677 pp.
- . ***Mohammedanism / Pan - Turanian Movement/ Pan-Turkism***, London, HMSO, 1920, Peace Handbooks Issued by the Historical Section of the Foreign Office, vol. x, No = 57, 107 pp.
- . ***Treaty of Peace with Turkey: Signed at Sèvres, August 10, 1920***, London HMSO, 1920, 100 pp.
- Greene, Joseph K. ***Leavening the Levant***, Boston and New York, The Pilgrim Press, 1916, xii 353 pp.
- Guardian. ***The Manchester Guardian History of the War***, London and Manchester, John Heywood, 1914-1920, 9 vols., [Indexes are listed with the individual volumes].
- Gunner, Göran. ***Genocide of Armenians: Through Swedish Eyes***, Yerevan, The Armenian Genocide Museum Institute, 2013, 370pp.
- Gust, Wolfgang (comp.). ***The Armenian Genocide: Evidence from the German Foreign Office Archives 1915-16***. New York and Oxford, Berghahn Books / Zoryan Institute, 2013, xxvii 786 pp.
- Hadjian, Avedis. ***Secret Nation: The Hidden Armenians of Turkey***, London and New York, Tauris, 2018, xvii 570 pp.
- Halsey, Francis Whiting. ***The Literary Digest: History of the World War Compiled from Original and Contemporary Sources: American, British, French, German...***, New York and London, Frank and Wagnalls, 1920, vol. VIII, viii 391pp.
- Harris, J. Rendel and Harris, Helen [James Rendel Harris was a lecturer of mathematics at Clare College Cambridge, progressing to become Professor of the New Testament in Greek at Johns Hopkins; also a scholar of Biblical Manuscripts]. ***Letters from the Scenes of the Recent Massacres in Armenia***, London, James Nisbet, 1897, xii 254 pp.
- Hartunian, H. Abraham. ***Neither to Laugh nor to Weep: A Memoir of the Armenian Genocide***, Cambridge / Massachusetts, National Association for Armenian Studies and Research, second edition, 1986, xix 206 pp.
- Hatton, Jean. ***The Light Bearers***, London, Monarch Books, 2003, 295 pp.
- Haywood, John. ***The Great Migrations from the Early Humans to the Age of Globalization***, London, Quercus, 2008, 255 pp.
- Hepworth, Geo. H. [American investigative journalist commissioned by the Ottoman Administration] ***Through Armenia on Horseback***, New York, Dutton and Company, 1898, xi 355 pp.

- Horton, George [U.S. Consul General in Smyrna/Izmir]. *The Blight of Asia: An Account of the Systematic Extermination of the Christian Population by Mohammedans and of the Culpability of Central Great Powers, with the true Story of the Burning of Smyrna*, Indianapolis, Bobbs-Merrill Company, 1926, 292 pp.
- Hovannisian, Richard G. (ed.). *The Armenian Genocide, History, Politics, Ethics*, New York, St. Martin's Press, 1992, xxii 362 pp.
- (ed.). *The Armenian People from Ancient to Modern Times*, New York, St. Martin's Press, 1997, 2 vols.
- (ed.). *Remembrance and Denial: The Case of the Armenian Genocide*, Detroit, Wayne State University Press, 1999, 328 pp.
- (ed.). *Looking Backward, Moving Forward: Confronting the Armenian Genocide*, New Brunswick and London, Transaction Publishers, 2003, 301 pp.
- (ed.). *The Armenian Genocide: Cultural and Ethical Legacies*, New Brunswick/ New Jersey, Transaction Publishers, 2007, xii 449 pp.
- Hovhannisyan, Nikolay. *Arab Historiography on the Armenian Genocide*, translated from the Armenian by Svetlana Mardanyan, Yerevan, Zangak-97 Press, 2005, 167 pp.
- Hovnanian, Stepan. *Memories of Harsh Days*, Yerevan, The Hirair and Anna Hovnanian Foundation, 2015, 323 pp.
- Ihrig, Stefan. *Atatürk in the Nazi Imagination*, Cambridge / Massachusetts, Belknap Press / Harvard University Imprint, 2014, 311 pp.
- *Justifying Genocide: Germany and the Armenians from Bismarck to Hitler*, Cambridge/Massachusetts, Harvard University Press, 2016, viii 460 pp.
- Isoyan, Albert (comp.). *Black Book: Outstanding Foreigners on Turkish Crimes in the Late XIX Century and the Armenian Genocide in the Ottoman Empire in 1915*, English edition prepared by Nouneh Dilanyan and Svetlana Galstyan, Yerevan, Hayagitak Publishing, 2015, 607 pp.
- Jernazian, Ephraim K. *Judgment unto Truth: Witnessing the Armenian Genocide*, Translated by Alice Haig, New Brunswick/ New Jersey, Transaction Publishers, 1990, xi 163 pp.
- Jones, Adam (ed.). *Gendercide and Genocide*, Nashville / Tennessee, Vanderbilt University Press, 2004, x 302 pp.
- Kaiser, Hilmar (ed.). *At the Crossroads of Der Zor: Death, Survival and Humanitarian Resistance in Aleppo, 1915-1917*, Princeton and London, Gomidas Institute, 2002, xiii 120 pp.
- (ed.). *Eberhard Count Wolffskeel Reichenberg, Zeitoun, Mousa Dagh, Ourfa: Letters on the Armenian Genocide*, Princeton and London, Gomidas Institute, second edition, 2004, xxi 65 pp.
- *The Extermination of Armenians in the Diarbekir Region*. Istanbul, Bilgi University Press, 2014, x 464 pp.

Karapetian, Samvel (Project Manager), Contributors: Anahit Hovhannisian, Lucy Avetissian, Armen Gevorgian. ***Another Genocide after the Genocide***, translated from the Armenian by Gayane Movsissian, Yerevan, Byurakn Publishing House, 2015, vol. I - 383 pp.

Karagueuzian, Hrayr S. and Auron, Yair. ***A Perfect Injustice: Genocide and Theft of Armenian Wealth***, New Brunswick/ New Jersey and London, Transaction Publishers, 2009, xxiii 160 pp.

Kemal, Ismail [Member of the Ottoman Parliament during the prewar period] (edited by Sommerville Story). ***The Memoirs of Ismail Kemal Bey***, New York, Dutton and Company, 1920, xix 410 pp.

Kerr, Stanley E. ***The Lions of Marash: Personal Experiences with American Near East Relief, 1919-1922***, Albany/ New York, State University of New York Press, 1973, xxv 318 pp.

Ketabgian, Alice. ***Life in Istanbul: A Family's Odyssey***, Lakewood/California, Avid Readers Publishing Group, 2016, xvii 357 pp.

Ketabgian, Gregory. ***Leaving Kayseri: A Journey of One Hundred Years***, Lakewood/California, Avid Readers Publishing Group, 2015, ix 249 pp.

Kévorkian, Raymond. ***The Armenian Genocide***, translated from the French, London and New York, Tauris, 2011, viii 1029 pp.

Kiernan, Ben. ***Blood and Soil: A World History of Genocide and Extermination from Sparta to Darfur***, New Haven/ Connecticut and London, Yale University Press, 2007, viii 724 pp.

Kieser, Hans-Lukas and Scholler, Dominic J. (eds.). ***The Armenian Genocide and the Shoah***, Zurich, Chronos Publishers, 2002, 656 pp.

King, W.C. (ed.). ***King's Complete History of the World War: Visualizing the Great Conflict in all Theatres of Action: 1914-1918 – [1921]***, Springfield / Massachusetts, The History Association, 1922, viii 754 pp.

Kirakossian, Arman J. (ed.). ***The Armenian Massacres 1894-1896***, Detroit, Wayne University Press, 2004, 317 pp.

----- . ***The Armenian Genocide in Contemporary American Encyclopaedias***, Yerevan, Armenian Genocide Museum – Institute, 2015, 175 pp.

Kirakossian, John S. ***The Armenian Genocide: The Young Turks Before the Judgement of History***, Madison/Connecticut, Sphinx Press, 1992, xlv 277 pp.

Kloian, Richard Diran. (comp.). ***The Armenian Genocide – First 20th Century Holocaust: Events... Reported in the New York Times and Various Periodicals of the time... with Selected Entries to 1922; Periodicals: The Living Age; Literary Digest; The Independent; Missionary Review; The Outlook; The Survey; Atlantic Monthly; New Republic; Current History; Am. Review of Reviews; The World's Work, The Century; The Nation***, San Francisco, 65th Anniversary Memorial, second edition, 1981, ix 304 pp.

Kuper, Leo. ***Genocide: Its Political Use in the Twentieth Century***, New Haven and London, Yale University Press, 1981, 255 pp.

- Kuyumjian, Soulahian Rita (ed.). ***Teotig: Biography/Trilogy – April 24, 1915***, London, Taderon Press, 2010, xix 410 pp.
- Lambert, Rose. ***Hadjin, and the Armenian Massacres***, New York, Fleming H. Revell, 1911, 106 pp.
- Lang, David Marshall and Walker, Christopher J. ***The Armenians***, London, Minority Rights Group, new revised edition, 1981, 24 pp.
- Lanne, Peter. ***Armenia: The First Genocide of the XX Century***, Munich, Institute of Armenian Studies, 1977, 215 pp. [The first Genocide of the XX Century – relevant to the pre-First World War period – refers geographically to South West Africa, primarily due to land rights. This 1904-7 infliction destroyed broadly two small cultural/tribal groups. Herero 80%, Namaqua 50%. As far as the destruction of a long established nation is concerned, the First Genocides of XIX and XX centuries refer to the annihilation of the Armenians].
- Lattimer, Mark (ed.). ***Genocide and Human Rights***, Aldershot/ Hampshire and Burlington/Vermont, Ashgate Publishing/ International Library of Essays on Rights, 2007, xxiii 571 pp.
- Laycock, Jo. ***Imagining Armenia***, Manchester and New York, Manchester University Press, 2009, 258 pp.
- Lepsius, J. [German orientalist academic]. ***Armenia and Europe: An Indictment***, London, Hodder and Stoughton, 1897, xxii 331 pp.
- Livesey, Anthony. ***The Viking Atlas of World War I***, London, Viking, 1994, 192 pp.
- Lloyd George, David [President of the Board of Trade, Chancellor of the Exchequer, Secretary of State for War, Prime Minister]. ***The Truth About the Peace Treaties***, London, Victor Gollancz, 1938, 2 vols.
- MacColl, Malcolm [Chaplin of the British Embassy in St. Petersburg, Russia]. ***England's Responsibility Towards Armenia***, London, Longmans, third edition, revised and enlarged, 1895, v 72pp.
- MacKeen, Dawn Anahid. ***The Hundred – Year Walk***, Boston and New York, Mariner Books / Houghton Mifflin Harcourt, 2017, xi 340 pp.
- Mazian, Florence, ***Why Genocide? The Armenian and Jewish Experiences in Perspective***, Ames/ Iowa, Iowa State University Press, 1990, xiii 291 pp.
- Memorials of Sorrow, Remembrance and Struggle: Memorials in Remembrance of the Armenian Genocide Victims***, Yerevan, Ministry of Diaspora of the Republic of Armenia, 2010, 159 pp.
- Merenics, Eva (comp. and ed.). ***Diplomat's Witness and Condemn the Armenian Genocide: Collection of Documents and Testimonies***, Rome, Published by the Author, 2015, 244 pp.
- Meronian, Bared and Mangassarian-Goschin, Maggie, ***Orphans of Genocide***, Kissimmee / Florida, Signalman Publishing, 2012, 118 pp.
- Midlarsky, Manus I. ***The Killing Trap: Genocide in the Twentieth Century***, Cambridge, Cambridge University Press, 2005, xv 463 pp.

- Miller, Donald E and Miller, Lorna Touryan. ***Survivors: An Oral History of the Armenian Genocide***, Berkeley, Los Angeles and London, University of California Press, 1993, xii 242 pp.
- Milton, Giles. ***Paradise Lost: Smyrna 1922***, London, Sceptre, 2008, vii 426 pp.
- Mkrtchyan, A (ed.) Project Manager K. Bekaryan. ***100 years... True Stories***, translated from the Armenian by N. Melkonyan, Yerevan, Armenia / European Integration, 2014, 126pp. [ISBN 978-99941-0-634-9]
- Mkrtchian, Shahan and Davtian, Schors. English translation and editing by Vartan Oskanian. ***Shushi: The City of Tragic Fate***, Yerevan, Amaraz Press, 1999, 163 pp. [ISBN 99930-1-005-7]
- Montgomery, Lane H. (ed.). ***Never Again, Again, Again...; Genocide: Armenia, the Holocaust, Cambodia, Rwanda, Bosnia and Herzegovina, Darfur***, New York, Ruder Finn Press, 2009, 198 pp.
- Morgenthau, Henry [United States Ambassador to Turkey]. ***Ambassador Morgenthau's Story***, New York, Doubleday Page, 1918, xv 407 pp.
- Nansen, Fridtjof [League of Nations High Commissionaire for Refugees; Rector of the University of St. Andrews in Scotland; winner of the Nobel Peace Prize in 1922]. ***Armenia and the Near East***, London, George Allen and Unwin, 1928, 324 pp.
- Niepage, Martin [Dr. Martin Niepage was a teacher at the German College of Aleppo]. ***The Horrors of Aleppo: Seen by a German Eye Witness***, London, Fisher Unwin, 1916, 24 pp.
- Nogales, Rafael de. ***Four Years Beneath the Crescent***, translated from the Spanish by Muna Lee, London, Charles Scribner, 1926, xviii 416 pp.
- Oeconomos, Lysimachos. ***The Martydom of Smyrna and Eastern Christendom***, London, George Allen and Unwin, 1922, 237 pp.
- Ohandjanian, Artem. ***Armenia 1915: Austro-Hungarian Diplomatic Reports Prove the Genocide***, translated from the German by Tigran Tsulikian, Vienna, Society for Promotion of Armenian History and Culture, 2011, 322 pp.
- Papian, Ara (ed.). ***Arbitral Award of the President of the United States of America Woodrow Wilson: Full Report of the Committee upon the Arbitration of the Boundary between Turkey and Armenia***, Washington, November 22nd, 1920, Yerevan, Modus Vivendi, 2011, xii 332 pp. [ISBN 978-9939-50-160-4]
- (comp.) ***Hayrenatirutyun – Reclaiming the Homeland – Legal Basis for the Armenian Claims and Related Issues***, Yerevan, Modus Vivendi, 2014, 287 pp.
- Payaslian, Simon. ***United States Policy Toward the Armenian Question and the Armenian Genocide***, New York, Palgrave Macmillan, 2005, xii 268 pp.
- Pears, Sir Edwin [British barrister, historian and journalist residing in Constantinople/Istanbul during the last three decades of the Nineteenth Century and the subsequent period leading up to the First World War. He published a number of consequential works regarding the country in question]. ***Turkey and its People***, London, Methuen, 1911, vi 409 pp.

Peltekian, Katia Minas (comp.). ***The Times of the Armenian Genocide: Reports in the British Press***, Beirut, Four Road, 2013, 2 vols. [Vol. I, 1914-19, vol. II, 1920-23; xxix and xii 976 pp.]

Permanent Peoples' Tribunal [Members of the Jury for the Session on the Genocide of the Armenians, 13-16 April, 1984, in Paris were: Madjid Benchikh (Algeria), Georges Casalis (France), Harold Edelstam (Sweden), Richard Falk (USA), Ken Fry (Australia), Andrea Giardiana (Italy), Sean MacBride (Ireland), Leo Matarasso (France), Adolf Perez Esquivel (Argentina), James Petras (USA), François Rigaux (Belgium), Ajit Roy (India), George Wald (USA)], ***A Crime of Silence: The Armenian Genocide, The Permanent Peoples' Tribunal***, London, Zed Books, 1985, xiv 249 pp.

Peterson, Merrill D. ***"Starving Armenians": America and the Armenian Genocide, 1915-1930 and After***, Charlottesville and London, University of Virginia Press, 2004, xiv 199 pp.

Porter, Nusan Jack (ed.). ***Genocide and Human Rights: A Global Anthology***, Washington, University Press of America, 1982, iv 353 pp.

Power, Samantha. ***"A Problem from Hell", America and the Age of Genocide***, New York, Harper Perennial, 2003, xxi 620 pp.

Ramsay, Sir William M. [Archaeologist, Historian, Professor of Classical Art and Architecture at Oxford, Regius Professor of Humanity at Aberdeen, Fellow of the Royal Geographical Society]. ***Impressions of Turkey during Twelve Years' Wanderings***, London, Hodder and Stoughton, 1897, 307 pp.

Rittiner, Carol and Roth, John R. and Smith, James M. (ed.). ***Will Genocide Ever End?*** St. Paul/Minnesota, Aegis & Paragon House, 2002, xiii 254 pp.

Robertson, Geoffrey. ***Was There an Armenian Genocide?***, London, A.C. Trust, 2009, 39 pp.
[Also available electronically: <http://www.ararat-heritage.org.uk/PDF/RobertsonOpinion/altoGRQCS.pdf>].

----- ***An Inconvenient Genocide: Who Now Remembers the Armenians?***, London, Biteback Publishing, 2014, 294 pp.

Rolin – Jaquemyns, M.G. [Jurisprudence of International Law at Oxford, Cambridge, Edinburgh and Brussels; Minister of the Interior of Belgium; founder of *Institut de Droit International*; received the Nobel Peace Prize in 1904, two years after his death]. ***Armenia, the Armenians and the Treaties***, London, John Heywood, 1891, xvii 104 pp.

Rosenbaum, Alan S. (ed.). ***Is the Holocaust Unique? Perspectives on Comparative Genocide***, Boulder/ Colorado, Westview Press/ Harper Collins Publishers, 1996, xix 222 pp.

Rummel, R.J. ***Death by Government***, New Brunswick and London, Transaction Publishers, 1994, xxiii 496 pp.

Sachar, Howard M. ***The Emergence of the Middle East: 1914-1924***, New York and London, Allen Lane/ Penguin Press, 1970, xiii 518 + xxix pp.

Safrastyan, Ruben, ***Ottoman Empire: The Genesis of the Program of Genocide (1876-1920)***. Translated from the Armenian by Svetlana Mardanyan, Yerevan, Institute of Oriental Studies of Armenia / Zangak Publishing, 2011, 174 pp.

- Sahakyan, Lusine. ***Turkification of the Toponyms in the Ottoman Empire and the Republic of Turkey***, Montreal, Arod Books, 2011, 70 pp.
- Sarafian, Ara (comp.). ***United States Diplomacy on the Bosphorus: The Diaries of Ambassador Morgenthau 1913–1916***, Princeton and London, Gomidas Institute, 2004, xiii 496 pp.
- (comp.). ***United States Official Records on the Armenian Genocide 1915 – 1917***, Princeton and London, Gomidas Institute, 2004, xxxviii 704 pp.
- (comp. and ed.). ***Talaat Pasha's Report on the Armenian Genocide, 1917***, London, Gomidas Institute, 2011, 70 pp. [An updated account by Ara Sarafian incorporating additional information with maps is also available in PDF format].
- Sarkisian E.K. and Sahakian R.G. [Soviet Armenian Academy of Sciences], Translated and edited by Elisha B. Chrakian, ***Vital Issues in Modern Armenian History: A Documented Exposé of Misrepresentations in Turkish Historiography***, Watertown/ Massachusetts, Armenian Studies, 1965, 82 pp.
- Sassounian, Harut (comp.). ***The Armenian Genocide: The World Speaks Out, 1915-2005***, Glendale/California, 90th Anniversary of the Armenian Genocide Commemorative Committee of California, 2005, 144 pp.
- Schabas, William A. ***Genocide in International Law***, Cambridge, Cambridge University Press, 2000, xvi 624 pp.
- Schaller, Dominik J. and Zimmerer, Jürgen (eds.). ***Late Ottoman Genocides: The Dissolution of the Ottoman Empire and Young Turkish Population and Extermination Policies***, London and New York, Routledge, special issue of the ***Journal of Genocide Research***, 2009, viii 105 pp.
- Shaw, Martin. ***War and Genocide***, Cambridge, Polity Press, 2003, xi 257 pp.
- Shermer, David. ***World War 1***, London, Octopus Books, 1973, 256 pp.
- Shirinian, George N. (ed.). ***The Asia Minor Catastrophe and the Ottoman Greek Genocide: Essays on Asia Minor, Pontus and Eastern Thrace 1912-1923***, Bloomington/Illinois, The Asia Minor and Pontos Hellenic Research Center, 2012, 306 pp.
- (ed.). ***Genocide in the Ottoman Empire: Armenians, Assyrians and Greeks, 1913-1923***, New York and Oxford, Berghahn Books, 2017, 433 pp.
- Shirinian, Lorne. ***Quest for Closure: The Armenian Genocide and the Search for Justice in Canada***, Kingston/Ontario, Blue Heron Press, 1999, iii 267 pp.
- Simonyan, Hrachik. ***The Destruction of Armenians in Cilicia, April 1909***, translated from the Armenian by Melissa Brown and Alexander Arzoumanian, London, Gomidas Institute, 2012, 277 pp.
- Simpson, Christopher. ***The Splendid Blond Beast: Money, Law and Genocide in the Twentieth Century***, New York, Grove Press, 1993, x 400 pp.
- Smith, Roger W. (ed.). ***Genocide: Essays Toward Understanding, Early - Warning, and Prevention***, Williamsburg/ Virginia, Association of Genocide Scholars, Department of Government, College of William and Mary, 1999, 240 pp.

- Still, John [British Armed Forces, POW]. *A Prisoner in Turkey*, London and New York, John Lane, 1920, xii 250 pp.
- Struggling for Existence and Dignity: Resistance During the Armenian genocide.** [Scientific editor Hayk Demoyan, Editorial Board: Seda Parsamyan, Suren Manukyan, Khazhak Drampyan, Tamar Onanian], Yerevan, Armenian Genocide Museum - Institute, 2015, 130 pp.
- Stuermer, Harry [Correspondent of the Cologne based German newspaper *Kölnische Zeitung*]. *Two War Years in Constantinople: Sketches of German and Young Turkish Ethics and Politics*, London, New York and Toronto, Hodder and Stoughton, 1917, 308 pp.
- Suny, Ronald Grigor. *A History of the Armenian Genocide: "They Can Live in the Desert but Nowhere Else"*. Princeton, New Jersey, Princeton University Press, 2015, xxiv, 490 pp.
- Suny, Ronald Grigor and Göçek, Fatma Müge and Naimark, Norman M. (eds.). *A Question of Genocide: Armenians and Turks at the end of the Ottoman Empire*, Oxford and New York, Oxford University Press, 2011, xxii 434 pp.
- Svazlian, Verjiné. *The Armenian Genocide and Historical Memory*, Yerevan, Gitutian Publishing House, 2004, 158 pp.
- . *The Armenian Genocide: Testimonies of the Eyewitness Survivors*, translated from the Armenian by Tigran Tzulikian and Anahit Poghikian-Darbinian, Turkish text translation and editorial by Tigran Ter Voghoriajian, Yerevan, Gitoutyoun Publishing House/National Academy of Sciences of the Republic of Armenia/Museum - Institute of the Armenian Genocide and Institute of Archaeology and Ethnography, limited edition of five hundred copies, 2011, 847 pp.
- Taft, Hagopian Elise. *Rebirth: The Story of an Armenian Girl, Who Survived the Genocide and Found Rebirth in America*, Plandome/ New York, New Age Publishers, 1981, ix 142 pp.
- Tatz, Colin. *With Intent to Destroy: Reflecting on Genocide*, London and New York, Verso, 2003, xviii 222 pp.
- Tellalian-Kyrkostas, Margaret C. *Armenia: Memories from my Home*, New York, J.C. and A.L. Fawcett/sponsorship of the Anthropology Museum of New York, 1998, 85 pp.
- Ternon, Yves. *The Armenians: History of a Genocide*, New York, Delmar/ Caravan Books, 1981, 368 pp.
- Thomas, Patrick. *Remembering the Armenian Genocide: 1915*, Llonrwst/Wales, Gwasg Carreg Gwalch Publishers, 2015, 160 pp.
- Times. *The Times History of the War*, London, The Times, 1914-1921, 22 vols., [Index vol. is no. 22].
- Toriguian, Shavarsh. *The Armenian Question and International Law*, Beirut, Hamaskaine Press, 1973, 330 pp. [An updated edition was published in 1988]
- Totten, Samuel (ed.). *Teaching About Genocide: Issues, Approaches, and Resources*, Greenwich/ Connecticut, Information Age Publishing, 2004, xi 301 pp.

- Totten, Samuel and Bartrop, Paul R., with contributions by Steven Leonard Jacobs. ***Dictionary of Genocide***, Westport/Connecticut, Greenwood Press, 2008, 2 vols., vol. I A-L, vol. II M-Z.
- Totten, Samuel and Jacobs, Steven Leonard (eds.). ***Pioneers of Genocide Studies***, New Brunswick/ New Jersey and London, Transaction Publishers, 2002, xvii 617 pp.
- Toynbee, Arnold J. ***Experiences***, New York and London, Oxford University Press, 1969, ix 417 pp.
- Tupper, H. Allen. ***Armenia: Its Present Crisis and Past History***, Baltimore and New York, John Murphy, 1896, 182 pp.
- Tusan, Michelle. ***The British Empire and the Armenian Genocide***, London and New York, Tauris, 2017, xi, 308 pp.
- United States of America. ***Investigation into Certain Past Instances of Genocide and Exploration of Policy Options for the Future. Hearings of the Committee on International Relations, House of Representatives, ninety-fourth Congress, second session, May 11 and August 30, 1976***, Washington, US Government Printing Office, 1976, 275 pp.
- Ussher, Clarence D. ***An American Physician in Turkey***, Boston and New York, Houghton Mifflin, 1917, xiii 339 pp.
- Üngör, Uğur Ümit and Polat, Mehmet. ***Confiscation and Destruction: The Young Turk Seizure of Armenian Property***, London and New York, Continuum International Publishing Group, 2011, XII 226 pp.
- Valentino, Benjamin A. ***Final Solutions: Mass Killing and Genocide in the Twentieth Century***, Ithaca/ New York and London, Cornell University Press, 2005, viii 317 pp.
- Waal, Thomas de. ***Great Catastrophe: Armenians and Turks in the Shadow of Genocide***, Oxford and New York, Oxford University Press, 2015, xi 298 pp.
- Walker, Christopher J. ***Armenia: The Survival of a Nation***, London, Routledge, revised second edition, 1990, 476 pp. [As a single volume in English, C. J. Walker's work pertaining to the History of Armenia remains unsurpassed].
- . ***Visions of Ararat: Writings on Armenia***, London and New York, I.B. Tauris Publishers, 1997, ix 157 pp.
- Wallimann, Isidor and Dobkowski, Michael N. [afterword by Richard L. Rubenstein]. ***Genocide and the Modern Age: Etiology and Case Studies of Mass Death***, Syracuse/New York, Syracuse University Press, 2000, xiii 322 pp.
- Ward, Mark H. [Physician directing medical aid for the American Near East Relief] ***The Deportations in Asia Minor 1921-22***, London, Anglo-Hellenic League and British Armenian Committee, 1922, 18 pp.
- Wegner, Armin T. [Second Lieutenant – German Medical Corps]. ***Armin T. Wegner and the Armenians in Anatolia, 1915: Images and Testimonies***, Milano, Guerini E Associati, 1996, 221 pp.
- Weitz, Eric D. ***A Century of Genocide: Utopias of Race and Nation***, Princeton/ New Jersey, Princeton University Press, 2003, vii 360 pp.

Whitehorn, Alan (ed.), *The Armenian Genocide: The Essential Reference Guide*, Santa Barbara/California and Denver/Colorado, ABC-CLIO, 2015, xviii 425 pp.

Winter, Jay (ed.). *America and the Armenian Genocide of 1915*, Cambridge and New York, Cambridge University Press, 2003, xii 317 pp.

Wintle. W. J. [A prolific author with versatile proficiency in a number of subjects; a noted contributor to periodicals; considered an expert on the British Royal Family] *Armenia and its Sorrows, with an additional chapter, bringing the record down to September 1896*, London, Andrew Melrose, second edition, 1896, 120 pp.

Woods, H. Charles [Fellow of the Royal Geographical Society]. *The Danger Zone of Europe: Changes and Problems in the Near East*, London, Fisher Unwin, 1911, 328 pp.

World Council of Churches [Commission of the International Affairs of the World Council of Churches]. *Armenia: The Continuing Tragedy*, Geneva, World Council of Churches, 1984, 55 pp.

Yeghiayan, Vartkes. (comp.). *The Armenian Genocide and the Trials of the Young Turks*, La Verne/California, American Armenian International College Press, 1990, xxvi 192 pp.

----- (comp.). *British Foreign Office Dossiers on Turkish War Criminals*, Pasadena/California, American Armenian International College Press, 1991, xlvii 500 pp.

Yeghiayan, Vartkes and Arabyan, Ara. *The Case of Misak Torlakian*, Glendale/ California, Centre for Armenian Remembrance, 2006, xix, 290 pp.

Yessayan, Zabel. *In the Ruins: The 1909 Massacre of Armenians in Adana*, translated from the Armenian by G.M. Goshgarian and edited by Judith Saryan, Danila Jebejian Terpanjian and Joy Renjilian – Burgy, Boston/Massachusetts, AIWA Press, 2016, xv 262 pp.

Zarevand [Zaven and Vartouhie Nalbandian]. *United and Independent Turania*, translated from the Armenian by V. N. Dadrian, Leiden, Brill, 1971, xiii 174 pp.

Zenkovsky, Serge A. *Pan-Turkism and Islam in Russia*, Cambridge/Massachusetts, Harvard University Press, 1967, x 345 pp.

* Updating of the *Titles* section: March, August, 2018

* Updating of the text and photography: July-December, 2018; January 2019



Armenia, as a geographic region and the country of origin of the Armenian nation, has been well known in western Europe since the days of the Forum Romanum. The primary geographic regions of the Armenian Genocide can be surveyed by the above illustrated late-Twentieth Century, West European map.



The central regions of the Armenian destruction are outlined by the above illustrated American publication of New York, 1923
[Armenia and Europe: Cartographic Perspectives](#)

